

# REVISTA **BZZZ**



ANO 4 | Nº 51 | SETEMBRO DE 2017 | R\$ 12,00

## LAVOISIER MAIA

O ex-governador  
que contraria a  
política da má-fé

## ALGOZ DE LAMPIÃO

Rodolpho Fernandes,  
o bravo prefeito que  
liderou a resistência  
ao bando do rei do  
cangaço



## CÁSSIO ROMANO

Potiguar  
responsável  
pela Casa  
do Brasil na  
Espanha

## ALEXANDRE BIRMAN

CEO da Arezzo fala  
sobre sua forma  
de empreender e  
crescer, mesmo em  
tempo de crise



## DE CAICÓ PARA CURITIBA

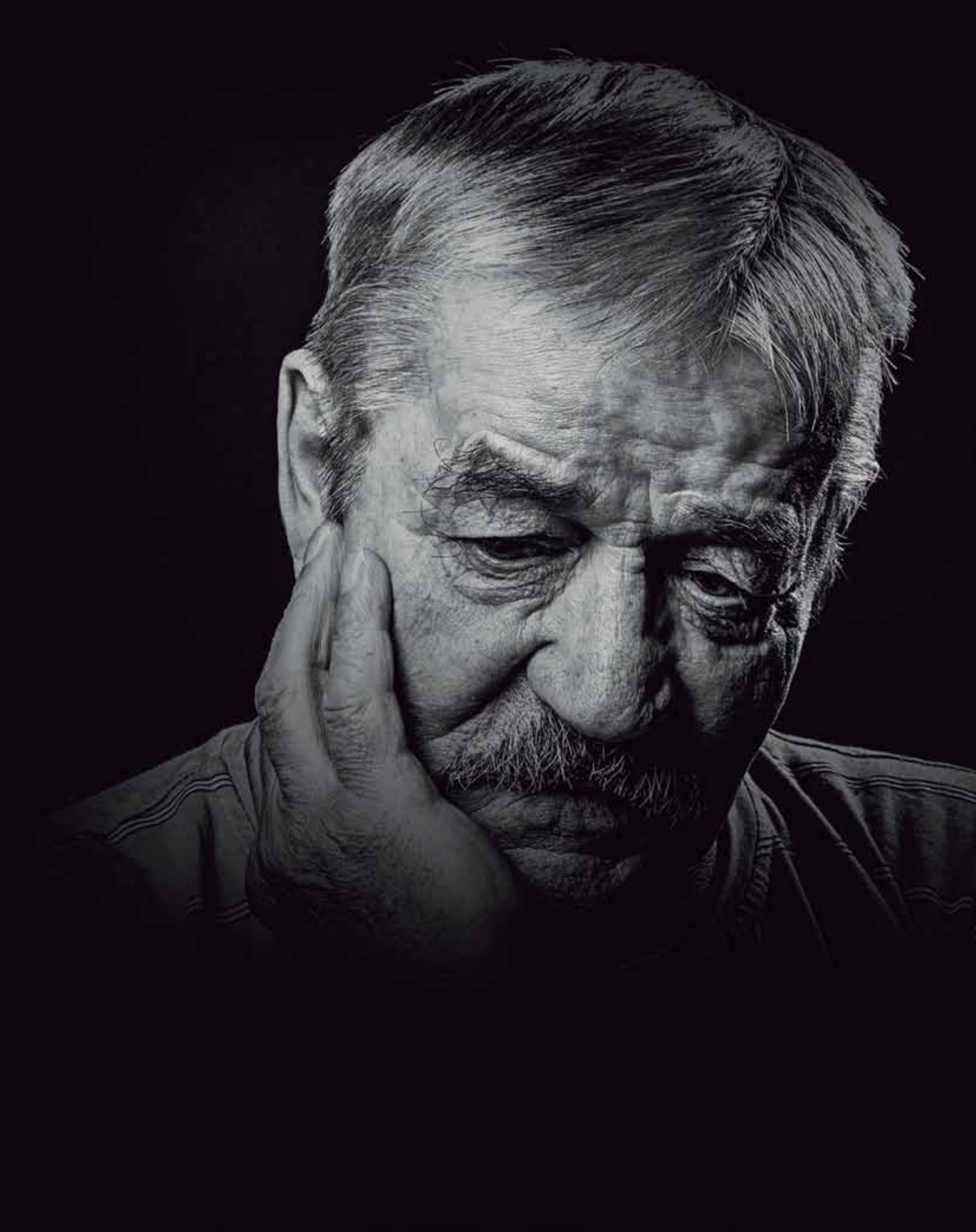
Assionara Souza:  
orgulho literário do  
nordeste ao sul

## EXEMPLO

Artesão recicla  
garrafas de cerveja e  
transforma em copos  
que são sucesso nas  
praias de Natal

# DOENÇAS DA EMOÇÃO

SENTIMENTOS PODEM PROVOCAR DOENÇAS, INCLUSIVE GRAVES, COMO O CÂNCER. RELAÇÃO DEIXOU DE SER SEGUNDO PLANO E ENTROU PARA OS RECEITUÁRIOS CLÍNICOS E CONSTANTES PESQUISAS. A FISIOTERAPEUTA CLÁUDIA SIQUEIRA EXPLICA QUAIS ÓRGÃOS DO CORPO HUMANO SÃO MAIS SENSÍVEIS E COMO SE CUIDAR





**DOE ÓRGÃOS  
SALVE VIDAS**

**Salvar** ✕

OLAVO TEM AINDA MUITA VIDA PELA FRENTE,  
CASO CONSIGA UM NOVO RIM. SALVAR?

Doe órgãos. Assembleia e você, juntos pela vida.



Rio Grande do Norte  
**Assembleia Legislativa**



CENTRAL DE  
TRANSPLANTES  
DO RN

# SÃO TANTAS EMOÇÕES

**ESCOLHAS – DAS MAIS** simples do dia a dia aos grandes planos. Estresses no trabalho – do relacionamento com os colegas às metas que devem ser cumpridas. Preocupações muitas, por todos os lados: no amor, em casa, com o corpo, com as contas. Alegrias também, sim. São tantas emoções o tempo inteiro e tão pouco tempo para lidar com todas elas. Quem não se sente assim? O problema é que o corpo interpreta e traz as consequências que chegam, muitas vezes, de maneira feroz. De acordo com a fisioterapeuta Cláudia Siqueira, que está na capa e no recheio desta edição, emoções quando não cuidadas podem provocar doenças graves, como o câncer, por exemplo. Como a profissional explica na matéria, sentimentos não são o único fator provocador das doenças. É preciso considerar também o estilo de vida das pessoas, alimentação e uso de determinadas substâncias. Por isso, para se levar uma vida saudável e evitar doenças é preciso pôr em prática uma série de ações cotidianas. E a melhor maneira de fazer isso você saberá nestas páginas.

Também destaque da Bzzz a história de Lavoisier Maia, político cuja trajetória para sempre marcou o Rio Grande do Norte. Entre obras, decisões, acordos e vida pessoal, “Lavô”, como é conhecido, é personagem dos mais interessantes. Assim como ele, Rodolpho Fernandes, conhecido como o prefeito de Mossoró que liderou a resistência ao bando de Lampião, que pertence à outra época, é um dos brilhantes personagens destrinchados pela revista.

E por aqui, Assionara Souza, escritora de Caicó que é sucesso pelo sul do país. E ainda: marcas infantis potiguares que fazem sucesso em outros estados e também países; entrevista com Cássio Romano, que dirige a Casa do Brasil na Espanha; como lidar com a fobia social; O artesão que transforma garrafas de cerveja em copos e vende pelas praias de Natal. E mais: moda, arquitetura, política, turismo, gastronomia e toda a pluralidade Bzzz.

Ótima leitura!

*Alice Lima*  
editora-assistente

**EXPEDIENTE**

**PUBLICAÇÃO:**  
**JEL COMUNICAÇÃO**

**BZZZ ONLINE**  
**ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**  
[www.portaldaabelhinha.com.br](http://www.portaldaabelhinha.com.br)

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

**SUGESTÕES DE PAUTA,**  
**CRÍTICAS E ELOGIOS:**  
[revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br](mailto:revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br)

**EDITORA**  
ELIANA LIMA  
[elianalima@portaldaabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldaabelhinha.com.br)

**EDITORA INTERINA**  
ALICE LIMA

**PROJ. E DIAGRAMAÇÃO**  
TERCEIRIZE EDITORA  
[www.terceirize.com](http://www.terceirize.com)

**COMERCIAL**  
EDILÚCIA DANTAS  
(84) 99996 5859

**COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO**  
ANA PAULA CARDOSO, ANTONIO NAHUD  
(de Madri), AURA MAZDA, CAMILA PIMENTEL,  
CÍCERO OLIVEIRA, CLARA VIDAL,  
LEONARDO DANTAS, RAFAEL BARBOSA,  
OCTAVIO SANTIAGO, VÂNIA MARINHO,  
WELLINGTON FERNANDES

**FOTO DA CAPA**  
BRUNA FOTIN GENN

**FOTOS**  
ALEX COSTA, ALEXANDRE LAGO,  
BRUNA FOTIN GENN, CÍCERO OLIVEIRA,  
JOÃO NETO, PAULO CAVERA, PAULO LIMA

**GRÁFICA**  
IMPRESSÃO

**TIRAGEM**  
6.000 EXEMPLARES



VOCÊ TROCARIA SUA VIDA POR ALGUNS MINUTOS A MENOS

NO TRÂNSITO?

Não acelere para chegar mais rápido no final da sua história.



SEJA UM MOTOCICLISTA COERENTE E CONSCIENTE.



## 40 Fobia Social

Quando não se trata apenas de timidez



## 54

### Brasília

Charme e descontração no Mercadito, o descolado bar da capital federal com inspiração nova-iorquina



## 76

### Carros

Audi A5, o sportback cheio de estilo



## 88 Varandas Gourmet

Tendência da arquitetura, chegou para receber e permanecer



## 82 Customização

Editorial de moda aposta na criatividade e a palavra de ordem é reaproveitar

# PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:  
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL  
DO CORAÇÃO**  
Especializado em você.

(84) 4009-2000  
[hospitaldocoracao.com.br](http://hospitaldocoracao.com.br)





# ELIANA LIMA

## CONTAGEM

Corre nos escaninhos de articulações planaltianas que o PSB poderá apoiar a candidatura do ex-ministro **Ciro Gomes** (PDT) à presidência da República. O ex-governador cearense entraria na disputa levantando a bandeira da esquerda brasileira.



Divulgação

## NACIONAL

A equipe do global Profissão Repórter passou uma semana instalada em Natal. O programa foi gravar a rotina do deputado estadual **Disson Lisboa** (PSD). Motivo: tornozeleira eletrônica, equipamento do qual o parlamentar faz uso. **Estevan Muniz** foi o jornalista responsável.

## PROCESSO

A burocracia brasileira continua onerando os gastos dos erários. Um exemplo entre tantos é a desapropriação da “Fazenda Colômbia”, no município de Colômbia, em São Paulo, com área registrada de 2.063,6865 hectares, e área medida e avaliada de 1.939,7616 ha, para o assentamento de 319 famílias. O trâmite processual sofreu interrupções devido a decisões judiciais até 2010. Em maio de 2012, foi avaliada em mais de R\$ 44,6 milhões.

## POIS BEM

Passado o tempo, eis que o imóvel rural foi reavaliado em janeiro deste ano de 2017. Resultado: o valor para a indenização da área agora supera os R\$ 73,1 milhões.

## CURRÍCULO

Tem DNA natalense o vice-procurador-geral da República. A segunda pessoa depois da PGR **Raquel Dodge** é **Luciano Mariz Maia**, irmão dos médicos **Tarcisinho** e **Guilherme Mariz Maia**. São primos do senador **José Agripino Maia**, presidente nacional do DEM.



Divulgação

## EM TEMPO

Em entrevista, **Luciano Maia** já deixou claro que não vai atuar diretamente na Operação Lava Jato.

## DISPUTA

Dois seridoenses estão em lados opostos na política de Brasília. **Joe Valle** (Caicó), atual presidente da Câmara Legislativa do DF, e o deputado distrital **Agaciel Maia** (Jardim de Piranhas) disputaram a presidência da Casa no ano passado e hoje travam queda de braço para aprovar a Reforma da Previdência dos servidores do governo do Distrito Federal.



Divulgação

## POTIGUAR

Enquanto **Joe Valle** (PDT) se posicionou contrário à matéria, **Agaciel** (PR) defende a aprovação do projeto enviado pelo governador **Rodrigo Rollemberg** (PSB).



## RECURSOS

Presidente do Senado, Eunício Oliveira (PMDB-CE) promulgou a autorização para o governo do Amazonas, por intermédio da Assembleia Legislativa do estado, colocar no ar, por 15 anos, serviço de radiodifusão de sons e imagens em Manaus. Detalhe: será obrigatoriamente para fins educativos. E sem direito de exclusividade.



Moreira Matriz/Agência Senado

## SUBO NESSE...

Os 50 anos da Era dos Festivais serão lembrados com o espetáculo musical teatral “MPB - a Era dos Festivais”. Época em que foram revelados os primeiros sucessos de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, Paulinho Tapajós, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Tom Zé, Os Mutantes, Gal Costa, Elis Regina.

Divulgação



## ...PALCO

A proposta é levar o espetáculo aos palcos das principais cidades do país, além de ações arte-educativas, como oficinas que abordam o legado da MPB para as novas gerações, a serem realizadas em escolas de música. O projeto é da carioca Hajalume Produções, que já obteve aprovação do Ministério da Cultura para captar R\$ 1 milhão.



Divulgação/MAM

## MEMÓRIA

E o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo já obteve a aprovação de mais de R\$ 20,8 milhões de captação para realizar atividades culturais durante o ano de 2018.

## HISTÓRIA

Por falar em museu, o projeto gaúcho que realiza visitas a museus no período noturno já está garantido para 2018, em Porto Alegre. A Rompecabezas Entretenimento conseguiu aprovação federal de quase R\$ 1 milhão para captação de recursos que viabilizem a edição do próximo ano. Nas ações, o público percorre, gratuitamente, os museus participantes, para apreciar acervos e exposições, além de assistir apresentações musicais e demais performances artísticas.



# LAVÔ

Médico e político que foi governador, deputado federal e estadual, Lavoisier Maia coleciona histórias dignas de livro

**Por Leonardo Dantas**

Fotos: Acervo Pessoal e Divulgação



Ocupando o cargo de Governador do RN, Lavoisier cumprimenta o ex-governador Aluísio Alves

**AOS 89 ANOS, LAVOISIER** Maia é uma figura lendária na política do Rio Grande do Norte. Durante sua trajetória, ocupou cargos públicos importantes como Secretário Estadual de Saúde, Governador do RN pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), Senador pelo PDS e deputado federal e estadual pelos partidos PFL (atual Democratas) e PSB.

“Ele tem uma história vito-

riosa”, afirma sua filha Márcia Maia, que atualmente é deputada estadual pelo PSDB. Além de ser um homem corajoso, Márcia também destaca o pai amoroso e cuidadoso. “Até hoje, mesmo com a dificuldade na fala, ele me liga, pergunta pelas minhas filhas Marcela, Bruna e Eduarda, se está tudo bem. Ele é um homem admirável, mas sua história não foi fácil”, lembra Márcia.

## VIDA

Lavoisier Maia Sobrinho nasceu em uma fazenda na cidade de Almino Afonso, interior do Rio Grande do Norte, em 1928. Porém, foi registrado em Catolé do Rocha, na Paraíba. Filho do médico Lauro Maia e Idalina Maia, sofreu seu primeiro golpe quando perdeu sua mãe com menos de dois anos de idade. Foi criado por sua tia Lília Maia e viveu na zona rural até os 11 anos.

Na cidade de Patu começou seus estudos na Escola João Godeiro e em seguida mudou-se para Mossoró para estudar o então ginásial no Colégio Diocesano Santa Luzia. Após quatro anos, partiu para Recife para estudar o científico, hoje conhecido como Ensino Médio. Morando em uma pensão, Lavoisier recebia ajuda financeira do pai, mas passava dificuldades. “Ele chegou a passar fome mesmo em Recife”, conta Márcia. Incentivado por familiares, estudou Medicina em Salvador, Bahia, e formou-se em 1954.

Nesse mesmo ano, seu pai, que ocupava o cargo de prefeito da cidade de Patu, foi assassinado com quatro tiros em frente ao Hotel América, na Avenida Rio Branco, no centro de Natal. “Perder o pai foi outro momento muito difícil para ele”. O assassinato do médico Lauro Maia foi fruto de uma briga familiar entre os Maias e os Suassunas da Paraíba, que havia se iniciado na década de 20 do século XX. Vale destacar que essa briga familiar é presente na obra de Ariano Suassuna, que, apesar de nunca ter se envolvido diretamente, faz parte do clã da família paraibana.

Após a morte do pai, fez especializações em Planejamento de Saúde, na Universidade de São Paulo (USP), e em Ginecologia e Obstetrícia, com o título conferido pela Associação Médica Brasileira (AMB) e pela Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo).

Lavoisier não quis se envolver na briga entre as famílias e foi clinicar em Catolé do Rocha, na Paraíba. É dessa época um episódio que Márcia conta que seu pai sente muito orgulho. “Uma moça estava com um bebê morto na barriga e seu marido saiu pedindo ajuda a diferentes médicos da cidade, que se recusavam a fazer o procedimento devido ao risco de morte da paciente. Meu pai estava no início de carreira, mas decidiu ajudar. Então foram horas de trabalho, ele conseguiu retirar o corpo do bebê e fazer uma higienização na paciente, porque o maior risco era uma infecção. Ele conta que o marido da paciente ao final de tudo ofereceu um cuscuz com ovo, e esse

foi o cuscuz mais gostoso que ele comeu na vida”. Essa história se espalhou pela cidade e Lavoisier ficou reconhecido pela coragem e o comprometimento de ter se arriscado no caso, principalmente por estar em início de carreira.

Reconhecido e querido pela população de Catolé do Rocha, Lavoisier tornou-se presidente do Clube Social da cidade. E foi em meio a uma festa no local, na noite de 9 de setembro de 1956, que se iniciou um tiroteio entre membros da família Suasuna, que haviam sido proibidos de entrar na festa, e os Maias. Na troca de tiros, Lavoisier ficou gravemente ferido. Seu primo Otávio Maia foi o responsável por buscar sangue em Mossoró para socorrê-

-lo. Lavoisier iniciou então um tratamento no Recife e depois no Rio de Janeiro. Longe da família e dos amigos, conseguiu um emprego na capital carioca. Após dois anos, em 1958, passou a residir em Natal. Com um emprego federal, atuou como médico e professor do Departamento de Tocoginecologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde também foi diretor da Maternidade Escola Januário Cicco. “Ele fazia muitos partos na maternidade, tanto normal como cesárea. Também tinha um consultório no Edifício 21 de Março, no centro de Natal, e era muito requisitado. Ele deu exemplo como médico e como agente público político”, orgulha-se Márcia Maria.



Lavoisier ficou conhecido pelo seu programa na área de saúde, que colocou um médico em cada município



Lavoisier Maia recebendo o título de Cidadão Natalense em 2010 das mãos de Ney Lopes Jr e do ex-vereador Gustavo Mariz, proponente do título em 1983

## POLÍTICA

Não havia interesse no ingresso da vida pública por parte de Lavoisier. Ele chegou a recusar o convite de seu primo e amigo íntimo Tarcísio Maia, então governador do RN, para assumir a Prefeitura de Natal. Em sua biografia “Lavoisier Maia Sobrinho – Um homem de superações”, lançada em 2008, ele conta que só aceitaria um cargo se tivesse a ver com sua profissão. Foi então que assumiu a Secretaria de Saúde do Estado, no período de 1975 a 1979.

Nessa mesma época, presidiu a Comissão de Fiscalização Estadual de Entorpecentes do Ministério da Saúde, em Natal. Atuou também como Secretário do Interior e Justiça norte-rio-grandense (1976-1977) e foi presidente do

Conselho Diretor do Fundo Estadual de Saúde (1976-1978).

Em 1979, o nome de Lavoisier estava na lista de seis nomes que o governador Tarcísio Maia levaria para o governo militar como possíveis sucessores. Em entrevista ao jornal Tribuna do Norte, em 2008, Lavoisier declarou que sentiu “um frio na espinha” quando recebeu o telefonema do seu primo informando que ele seria nomeado Governador do Rio Grande do Norte, pela Arena.

Como chefe de executivo potiguar, “Lavô” construiu moradias populares e implantou medidas que tinham como objetivo a solução do problema da falta de água, assim como garantir a che-

gada de energia elétrica às zonas rurais. Na solenidade de entrega do título de cidadão natalense pela Câmara Municipal de Natal, em 2010, proposição do vereador Ney Lopes Jr, ele lembrou as conquistas de Lavô como governador do RN. “Lavoisier Maia fez uma gestão aguerrida, começando pela escolha dos nomes dos seus auxiliares. Destaco a obstinação a alcançar metas de governo, como levar água para João Câmara e Macau, cidades que viviam há anos o drama da falta de abastecimento coletivo. Além disso, seu governo construiu vários conjuntos habitacionais em Natal e no interior do estado, e milhares de quilômetros de eletrificação rural”.

Uma das marcas de sua gestão também foi o programa de saúde pública que levou pelo menos um médico para cada município do RN. “Até hoje as pessoas lembram com muito carinho desse programa de incentivo dos médicos morarem no próprio município”, afirma Márcia. O projeto chegou a ser considerado exemplar e modelo pela Organização Pan-americana de Saúde, uma das mais antigas agências internacionais de saúde do mundo. “Também quando visito alguns municípios as pessoas falam ‘olha, foi seu pai que trouxe água para cá quando foi governador’. É sempre muito reconhecido. O servidor público lembra com muito carinho, a Polícia Militar também. Foi um governador indicado, mas depois se candidatou ao Senado e passou pelo crivo do voto popular, e também fez o sucessor dele”.



Inaugurando Centros de Saúde pelo interior do RN

Para os natalenses, uma obra marcante foi o início da construção da Via Costeira, em 1977, consolidando e dando estrutura a Natal para se tornar um destino turístico. Além de incentivos financeiros para a compra de terrenos, a partir do comprometimento com a

construção de uma rede hoteleira que ajudasse no desenvolvimento do turismo. A obra foi concluída no governo de José Agripino, mas gradativamente hotéis já iam se instalado no local. Destaque também da duplicação do asfaltamento da Avenida Engenheiro Roberto Freire, que liga Natal ao litoral sul.

Esse mesmo período também foi o início da vida pública da ex-governadora Wilma de Faria, então casada com Lavoisier. À época, atendia pelo nome Wilma Maia. Como primeira-dama, assumiu a presidência do Movimento de Integração e Orientação Social (Meios), em 1979. Lavô e Wilma tiveram quatro filhos: Lauro, Cinthia, Cristina e Márcia Maia, e se separaram depois de 20 anos de casados. O ex-governador já tinha uma filha antes do casamento, Maria Socorro Maia.



Em campanha ao lado de Wilma de Faria (Foto: Arquivo TN)



**Ao lado do ex-presidente  
João Figueiredo em visita ao RN**

Já filiado ao PDS, Lavô elegeu seu primo José Agripino como governador em 1983 e foi nomeado em seguida assessor do Ministério da Saúde para o Rio Grande do Norte. No ano seguinte, foi um dos poucos membros do PDS a apoiar Paulo Maluf nas eleições indiretas para Presidente. A primeira experiência no legislativo aconteceu nas eleições de 1986, logo após a redemocratização quando foi eleito senador pelo PDT. Período onde se instalava a Assembleia Constituinte e na qual teve bastante destaque nas questões ligadas à saúde pública. Ele foi autor de várias propostas legislativas que resultaram na criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o que lhe rendeu uma homenagem em 2013, pela OAB.



**Na recepção ao  
Ministro Ibrahim  
Abi-Ackel em  
1981 na UERN**



**Carlos Alberto de Souza, Lavoisier Maia, o ex-governador Tarcício Maia, José Agripino segurando no colo o atual deputado federal Felipe Maia, na campanha de 1982**



**Solenidade realizada pela OAB em homenagem  
aos parlamentares constituintes, em 2013**

# CONFLITOS

Nas eleições de 1990 a família Maia se divide e Lavô e Jajá (como era apelidado José Agripino) rivalizam-se no processo eleitoral no pleito para governador. Agripino vence, mas Lavoisier mantém sua cadeira no Senado e ainda consegue eleger Garibaldi Alves Filho também para o Senado, já que havia acordo com os Alves.

No ano seguinte, Lavoisier tem a vida pessoal ganhando as manchetes dos jornais. O fim do casamento de 20 anos com Wilma repercute com ares de sensacionalismo. Traições, detetives e fofocas deram um ar novelesco ao caso. Em 1994, os dois se enfrentam na eleição para o Governo do Estado, apesar dos diversos pedidos dos familiares de nunca disputarem o mesmo cargo.

Em entrevista ao jornalista Xico Sá, para a Folha de São Paulo, em maio daquele ano, Lavô declarou que não iria levar a vida privada para a campanha. “Eu puxo a orelha de quem fizer qualquer tentativa dessa natureza. Vida privada de ninguém. Nem dela (Wilma) nem de outros candidatos”. Ainda na mesma entrevista, Lavoisier comentava as propostas de casamento que recebia durante a campanha: “Meu Deus do céu, é uma loucura. Em cada lugar aparece uma mocinha me propondo alguma coisa desse tipo. Mas levo



Os primos poderosos  
Lavô e Jajá





na brincadeira. Sou muito brincalhão em campanha. É tanto que sou conhecido como ‘candidato beijouqueiro’”. Terminou em segundo lugar para governador, perdendo para Garibaldi Alves Filho, e manteve-se senador até 1995.

No ano de 1998, ainda no PFL, Lavoisier concorre a uma vaga na Câmara Federal e vence. Nessa legislatura, se tornou o vice-líder do partido. Participou de duas comi-

sões que visavam alterar através de uma PEC a representação classista na Justiça do Trabalho e outra sobre recursos da Seguridade Social ao Sistema Único de Saúde (SUS). As duas se tornaram emendas constitucionais. No pleito de 2002, foi eleito suplente e efetivado após a eleição de Iberê Ferreira para vice-governador do Rio Grande do Norte. Após tomar posse, filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB).



Foto atual de Lavô e Jajá

# RECOMEÇO

Na véspera do início da campanha eleitoral de 2006, se preparando para a disputa da reeleição, Lavoisier sofre um Acidente Vascular Cerebral e entra em coma. Em São Paulo, passou meses em tratamento. As pesquisas mostravam que o ex-governador tinha fortes chances de reeleição. Mas devido ao seu estado de saúde, a família o convenceu a se candidatar a deputado estadual para ficar mais próximo e não ter a necessidade de viajar para Brasília.

“Como deputado estadual ele foi um exemplo de superação”, afirma Márcia. Ela ressalta também que as pessoas tendem a ter mais lembranças do seu pai como executivo mais do que legislador, mas que sua vida política na Assembleia foi exemplar.



**Lavô no meio do povo**

“Ele era um parlamentar assíduo, tinha suas dificuldades devido os problemas causados pelo AVC, inclusive dificuldade na fala. Mas ele vinha para a sessão, partici-

pava de todas as votações e ainda se inscrevia para falar e fazer pronunciamentos. Tê-lo ao meu lado aqui na Assembleia foi muito bom, uma referência”.



**Na procissão de Santos Reis, recebeu o abraço do senador Garibaldi, ao lado de sua esposa Teresinha Maia**



**Na campanha de 2014, caminhou pelas ruas de Natal ao lado do então candidato a presidente Eduardo Campos, Wilma de Faria, candidata ao Senado, e Márcia Maia**

Atualmente, mesmo sem ocupar cargos, Lavoisier acompanha e está atento aos fatos políticos locais e nacionais. Um de seus costumes atuais é acompanhar a TV Assembleia e TV Senado. “Ele sempre me liga dizendo que tem me visto na TV, acompanhando”, lembra Márcia. No pleito de 2016, ele visitou diversas regiões da cidade fazendo campanha ao lado de sua filha, que concorria à Prefeitura.

Ao se despedir da vida pública em 2011, declarou: “Não serei mais candidato a nenhum cargo, mas isso não significa que estarei ausente e nem omisso às questões políticas do meu Estado. Os cargos que exerci me credenciam para que continue atento aos fatos e presente sempre que necessário”. Hoje, vive ao lado de sua esposa Teresina Maia uma vida tranquila e comemorando o nascimento recente do seu primeiro bisneto, Matheus.



**Na Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, obra concretizada em seu governo**



**Entre os filhos e esposa**



**Comemorando a chegada de Matheus, seu primeiro bisneto, filho da neta Marcela Maia**

# O prefeito que enfrentou Lampião

Rodolpho Fernandes  
negou ceder à  
chantagem do bando  
de cangaceiros e  
marcou a história de  
Mossoró e do cangaço

Por Ana Paula Cardoso  
Fotos: Divulgação



**A ATÉ HOJE CELEBRADA** história da resistência de Mossoró, Rio Grande do Norte, ao ataque do bando de Lampião, há 90 anos, tem um personagem central que muito divergia da figura dos cangaceiros: o então prefeito da cidade, Rodolpho Fernandes.

Ele nasceu em Portalegre (RN) no dia 24 de maio de 1872, casou-se no ano de 1900 com Isaura Fernandes Pessoa, com quem teve quatro filhos: José, Julieta, Paulo e Raul. Elegeu-se prefeito de Mossoró em 1926. Àquela época, a cidade contava com média de 20 mil habitantes e era exemplo de economia pujante graças ao ciclo do algodão e do comércio. A história do prefeito e do município, porém, seria marcada pela notícia de que o bando de Lampião iria invadir Mossoró.

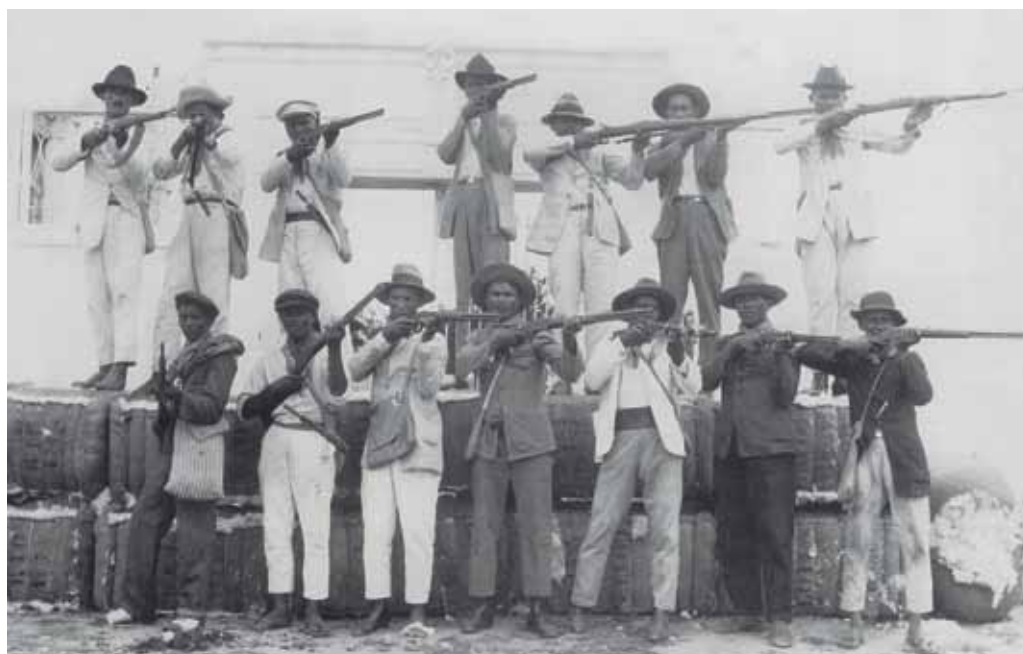
Mesmo com baixo efetivo policial e diante da fama do can-

gaceiro mais temido do Nordeste, Rodolpho Fernandes se manteve firme e organizou o esquema de defesa que conseguiu expulsar os criminosos sem registrar nenhuma baixa do lado mossoroense. O aviso sobre os planos de invasão veio, conforme o historiador Raimundo Nonato, através de uma carta enviada ao prefeito por um representante de uma empresa mossoroense. O documento alertava sobre boatos da presença de Lampião nas proximidades e da possibilidade de ataque.

No período de um mês, que se passou entre o aviso e o ataque dos cangaceiros, Rodolpho Fernandes conseguiu aprovar na Câmara de Vereadores a criação da Guarda Municipal. O prefeito também pediu auxílio do Estado do Rio Grande do Norte e dos vizinhos Ceará e Paraíba. No entanto, o

então governador cearense negou a ajuda requerida. Já o governador da Paraíba respondeu não acreditar na possibilidade de o bando de Lampião atacar Mossoró, uma vez que a cidade ia contra o perfil de municípios saqueados pelos criminosos: cidades de menor porte e distantes do litoral.

Do governo do Rio Grande do Norte, Mossoró recebeu rifles. Diante da insuficiência de armas para combater os cangaceiros, Rodolpho Fernandes comprou com a ajuda de comerciantes mais armamentos e reuniu ainda voluntários para defender a cidade no esquema de trincheiras estrategicamente posicionadas em diversos pontos. Saber do ataque mais de um mês antes de ocorrer possibilitou a elaboração de um plano de defesa eficiente, que marcou a história de Mossoró e do chamado cangaceirismo.



**Mossoroenses se preparavam para a resistência**

# Cartas entre Rodolpho Fernandes e Lampião

Lampião tentou negociar uma espécie de “acordo de paz” com o prefeito Rodolpho Fernandes antes de invadir a cidade. O cangaceiro pretendia extorquir Mossoró em 400 contos de réis. Em troca, não adentraria terras mossoroenses. O prefeito, no entanto, recusou a “oferta” do criminoso, conforme registrado em bilhetes trocados durante a negociação.

O primeiro bilhete partiu de Lampião, escrito pelo Coronel Antônio Gurgel, feito refém pelos cangaceiros para escrever uma carta a Rodolpho Fernandes. Esta a transcrição do bilhete endereçado ao prefeito de Mossoró no dia 13 de junho de 1927:

*“Meu caro Rodolpho Fernandes.*

*Desde ontem estou aprisionado do grupo de Lampião, o qual está aquartelado aqui bem perto da cidade. Manda, porém, um acordo para não atacar mediante a soma de 400 contos de réis. Penso que para evitar o pânico, o sacrificio compensa, tanto que ele promete não voltar mais a Mossoró...”*

Quando recebeu a carta, Rodolpho Fernandes convoca uma reunião com pessoas de destaque da cidade, entre eles comerciantes e membros das forças policiais, para rediscutir a estratégia de defesa da cidade, visto que não seria possível entregar aos cangaceiros a quantia exigida.

Rodolpho Fernandes respondeu da seguinte forma:

*“Mossoró, 13 de junho de 1927.*

*Antônio Gurgel.*

*Não é possível satisfazer-lhe a remessa dos 400.000 contos, pois não tenho, e mesmo no comércio é impossível encontrar tal quantia. Ignora-se onde está refugiado o gerente do Banco, Sr. Jaime Guedes. Estamos dispostos a recebê-los na altura em que eles desejarem. Nossa situação oferece absoluta confiança e inteira segurança.*

*Rodolpho Fernandes”.*

Insatisfeito com a resposta, Lampião enviou então um bilhete escrito de próprio punho:

"Cel Rodolfo  
Estando Eu até aqui pretendo  
dr.º. Já foi um aviso, ali p.º o Senhoris,  
si por acaso resolver, mi, a mandar  
será a importância que aqui nos pede,  
Eu invito di Entrada ali porem não  
vindo essa importância eu entrarei,  
ate ali penço que adeus querer, eu  
entro; e vai aver muita estrago por  
isto si vir o dr.º. Eu não entro, ali  
mas nos resposte logo.  
Capm Lampião."

Capitão Virgolino-Teixeira (Lampião)

Cel. Rodolfo.

Estando Eu até aqui  
pretendo ida já foi um  
aviso, ali p.º o Senhoris,  
si por acaso resolver mi,  
a mandar, será a importância  
que aqui nos pedi. Eu invito  
di Entrada ali porem não  
vindo esta importância eu  
entrarei, até ali penço que adeus  
querer. eu entro e vai aver  
muita estrago, por isto si vir  
o dr.º eu não entro, ali mas  
nos resposte logo.

Capm Lampião

Bilhete de Lampião ao Prefeito de Mossoró Cel. Rodolfo Fernandes ante a sua negativa ao pedido de 400 contos de réis — 13.06.1927. Esse bilhete foi doado ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte pela família do Prefeito.

Ao bilhete do cangaceiro mais temido do Nordeste, Rodolpho Fernandes reforça a negativa de atender à tentativa de extorsão e destaca estar confiante na defesa da cidade. Veja o conteúdo do bilhete:

"Virgulino, Lampião.  
Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pede e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo o que o Sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.  
Rodolfo Fernandes  
Prefeito, 13.06.1927"

No final da tarde do dia 13 de junho de 1927, após falha tentativa de extorsão, o bando de Lampião invade Mossoró. Sob chuva, a batalha se trava nas trincheiras montadas em frente à Igreja São Vicente, onde morreu o cangaceiro Colchete e foi baleado Jararaca, e também em frente à casa do então prefeito.

Os mossoroenses conseguiram expulsar o bando de Lampião sem registrar nenhuma baixa entre os homens que defenderam a cidade nas trincheiras. Um marco na história da cidade e do próprio cangaço, feito apontado como o início da derrocada da trajetória de Lampião e seu bando.

# Resistência marcou a história da família Fernandes

Além da história de Mossoró, o plano de defesa orquestrado por Rodolpho Fernandes é um marco e motivo de orgulho para os descendentes do prefeito mais corajoso que a cidade já teve. O filho mais novo de Rodolpho, Raul Fernandes, dedicou 15 anos de estudo para escrever o livro “A marcha de Lampião”, que narra com detalhes a vida na cidade à época da invasão, o percurso percorrido pelos cangaceiros e o empenho das trincheiras montadas para a defesa de Mossoró.

Além de Raul, a ilustradora e bisneta de Fernandes, Marcela de Carvalho, também escreveu um livro sobre a resistência mossoroense. Voltado para o público infantil, “Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró” conta de forma lúdica como os mossoroenses conseguiram expulsar o bando de cangaceiros mais temido do Nordeste.

A Revista Bzzz conversou com Marcela Carvalho sobre a resistência de Mossoró ao bando de Lampião e sobre o livro que preserva esta história.

**Bzzz - Seu bisavô, Rodolpho Fernandes, se tornou um ícone da resistência. A história da defesa da cidade contra o bando é contada até hoje entre a sua família? Virou motivo de orgulho?**

*Marcela Carvalho* - Na família essas histórias são contadas com orgulho. Mas também com certo distanciamento, pois meu avô Paulo casou com minha avó Ana Luíza bem depois da morte de Rodolpho e eles criaram os filhos (minha mãe e meus tios) no Rio de Janeiro. Desse modo, as distâncias cronológicas e até mesmo físicas deixaram a história bem longe.

**Bzzz - Você não conheceu seu bisavô, mas ainda assim, deve ter ouvido sobre ele em casa. Como sua família o descreveu**

**para você?**

*MC* - Meu tio avô Raul Fernandes, irmão de meu avô Paulo, escreveu um grande livro sobre o assunto. Na minha opinião, o mais completo sobre o assunto “A marcha de Lampião”. Há muitos livros sobre o assunto. E todos os que se aprofundaram na pesquisa do cangaço acabam esparrando no Cel. Rodolpho. Conheço esse meu antepassado pelos livros e não por relatos pessoais e afetivos de pessoas com quem convivi. Isso é incrível.

**Bzzz - Recentemente, você lançou um livro infantil contando de forma lúdica a história da resistência ao ataque de Lampião a Mossoró. Como foi o processo de construção da obra?**

*MC* - Sou ilustradora, contadora de histórias. Sou mãe e trabalho com crianças há algum tempo. Sou pesquisadora de Lij. Em uma conversa falei do feito de meu bisavô para Laura Van Boekel (coordenadora editorial da Zit editora) e ela achou que valia um livro, e quis saber se eu ilustrava. Eu me ofereci não só para ilustrar, mas também para escrever. Pra isso, tive que “passar no crivo” dela. O que foi um desafio delicioso.

Para o livro “Lampião e o vovô da vovó na cidade de Mossoró!” Eu me baseei nas verdades históricas recolhidas por Raul Fernandes. Não só por ser meu tio avô e filho direto do grande herói dessa história, mas porque Raul foi muito criterioso no seu estudo.



A precisão dos dados que ele apresenta é de um cuidado admirável.

**Bzzz - O seu livro será lançado agora em agosto no Rio de Janeiro. A história da resistência de Mossoró ao ataque de Lampião desperta a curiosidade e tem boa receptividade do público carioca?**

*MC* - Certamente. No Rio de Janeiro, Lampião é muito conhecido, assim como no Brasil inteiro. E as histórias de família são sempre de todos, todo mundo tem a sua família, o seu herói, a sua história. O caso do encontro dos cangaceiros com os coronéis interessa a todos nós.

**Bzzz - No seu livro, as ilustrações são feitas de bordados. Por que você resolveu usar essa técnica? Qual a relação do bordado com a história da sua família e da resistência?**

*MC* - O bordado tem sido meu modo de ilustrar, de dar vida aos desenhos iluminando os textos. Já tinha usado essa técnica em outros livros como o livro da canção de Gilberto Gil “A linha e o linho”. O bordado tem uma história de resistência. O próprio ato de bordar hoje é resistir. Resistimos ao tempo acelerado, resistimos ao consumo, à agulha penetra o tecido e a linha, o nó resiste. E além disso, o canga-



**Marcela Carvalho escreveu um livro infantil sobre a resistência mossoroense**

ço é uma manifestação muito preciosa do bordado feito no Brasil. A produção dos cangaceiros e cangaiceiras é uma coisa impressionante.

**Bzzz - Para você, qual a importância de reservar a história da luta dos mossoroenses contra o ataque de Lampião?**

*MC* - Preciso contar essa história para meu filho e minha filha (protagonista da história dentro da história). É importante que as gerações seguintes saibam de que maneira viveram seus antecedentes para que saibam mais de si e de seu entorno.

**Bzzz - No livro “Jararaca: o cangaceiro que virou santo”, Fene-**

**lon Almeida escreve que, para acalmar os ânimos nas trincheiras de defesa de Mossoró, Rodolpho Fernandes distribuiu conhaque aos homens. Esse caso é verdadeiro?**

*MC* - Não tenho repertório para contestar ou concordar com esse relato do autor Almeida. Raul Fernandes não fala sobre isso no livro dele “Marcha de Lampião” e eu nunca tinha ouvido falar. O que sei é que o episódio do cangaço em Mossoró e em outros locais fala de um tempo distante, mas presente. É uma memória recente. Na comemoração dos 80 anos da resistência, em 2007, havia heróis vivos. E as versões das histórias são muitas.

Luciano Lellys



# Rodolpho Fernandes como prefeito

O historiador Geraldo Maia, na coluna que mantém no jornal O Mossoroense, destacou que Rodolpho Fernandes iniciou o calçamento de algumas ruas de Mossoró e da Praça 6 de Janeiro durante o seu mandato.

Geraldo Maia ressalta que, inicialmente, o projeto do calçamento enfrentou críticas e a insatisfação de muitos habitantes temerosos de que, com as ruas cobertas por pedras, a ensolarada Mossoró fosse ficar ainda mais quente. Passado o

alvorço e o temor de se aumentar o calor, hoje a antiga praça, localizada no centro da cidade, leva o nome de Rodolpho Fernandes.

A trajetória do prefeito da resistência, porém, teve curta duração. No dia 16 de setembro de 1927, apenas três meses depois de Mossoró expulsar os cangaceiros, Rodolpho Fernandes tira licença da prefeitura para tratamento médico no Rio de Janeiro, onde faleceu menos de um mês depois, no dia 11 de outubro do mesmo ano. À época, Mossoró cho-

rou a morte do prefeito herói, estampando homenagens nas capas dos jornais existentes na cidade então e transformando-o em um verdadeiro mártir da resistência.

Todos os anos, a atuação de Rodolpho Fernandes para montar o esquema de defesa de Mossoró ao ataque do bando de Lampião é relembrado no espetáculo “Chuva de bala no país de Mossoró”, encenado em frente à Igreja São Vicente, que serviu de trincheira contra os cangaceiros.

## Cidade nomeada em homenagem ao prefeito-herói

Entre as várias homenagens prestadas em memória do prefeito que organizou o plano de resistência aos cangaceiros, se destaca a criação da cidade de Rodolfo Fernandes. Antes de se desmembrar do município de Portalegre, o povoado de São José dos Gatos, terra natal de Rodolpho Fernandes, teve início com Francisco Régis Filho, comerciante e proprietário de terras que chamavam a atenção pela grande quantidade de gatos do mato, conhecidos como maracajás. O comerciante mandou construir uma capela para São José no povoado e, a partir daí, a localidade começou a ser chamada pelos moradores de São José dos Gatos.

Somente no ano de 1962, através da Lei 2.763, o distrito de São



José dos Gatos se desmembrou de Portalegre e recebeu nome em homenagem ao ilustre filho da terra e ex-prefeito que conseguiu escorraçar o bando de Lampião de Mossoró.

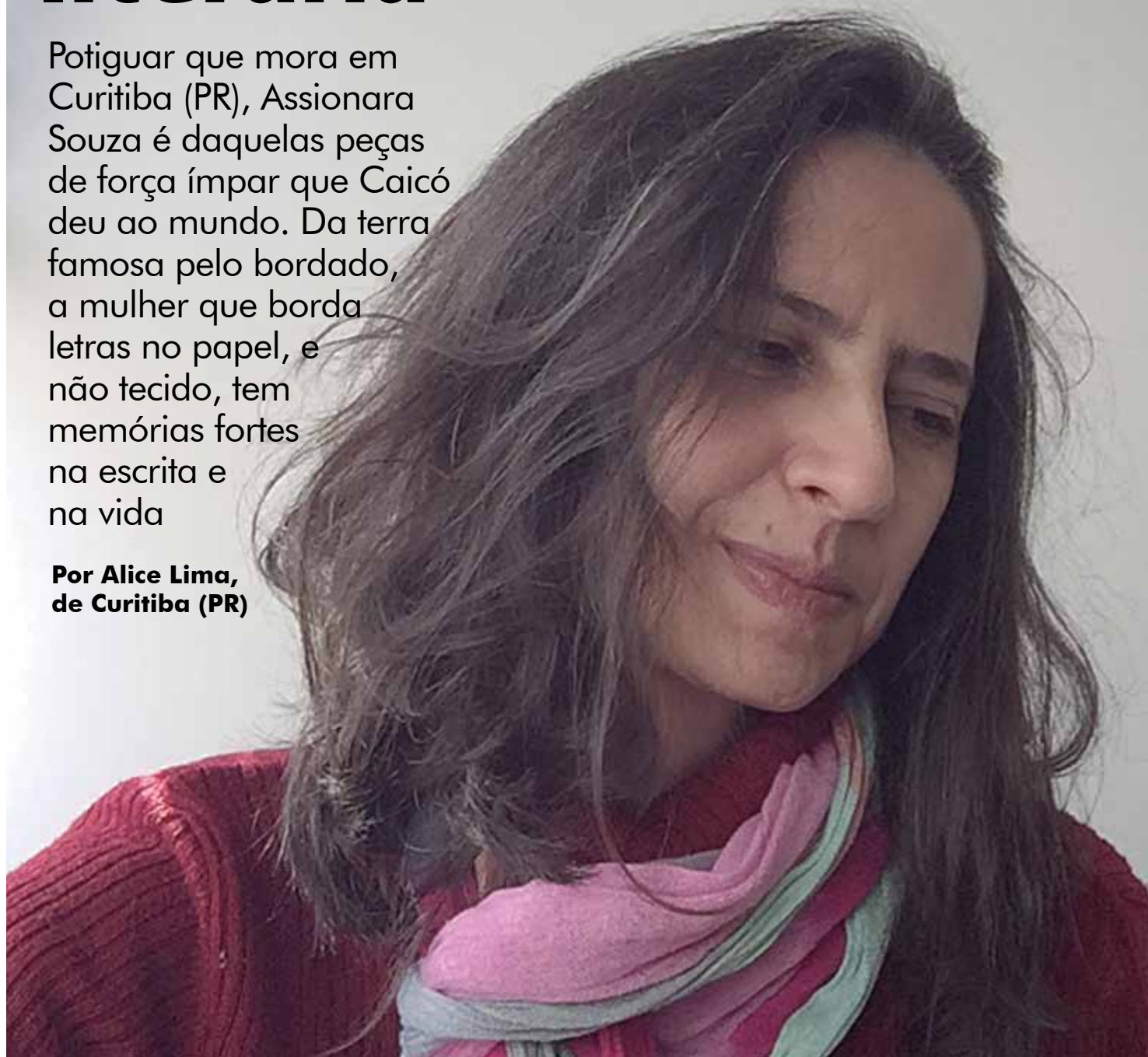
A pequena cidade de Rodolfo Fernandes, no Rio Grande do Nor-

te, se estende por 154,8 km<sup>2</sup> e contava com 4.417 habitantes no último censo no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os habitantes da terra que homenageia o mártir da resistência são chamados de rodolfo-fernandenses.

# Bordadeira literária

Potiguar que mora em Curitiba (PR), Assionara Souza é daquelas peças de força ímpar que Caicó deu ao mundo. Da terra famosa pelo bordado, a mulher que borda letras no papel, e não tecido, tem memórias fortes na escrita e na vida

**Por Alice Lima,  
de Curitiba (PR)**



“TODA PAVOA, ELA ATRAVES-SA a avenida com a sorte na mão. Vai descontar o prêmio dos quatro pontos acertados no jogo. Atenção: ela é feliz. Mora só. Ouve sucessos desgraçados para ouvidos mais exigentes” – trecho do conto *Na calçada*, do livro *Na rua: a caminho do circo*, de Assionara Souza. Quem a encontra pelas ruas do centro de Curitiba, a capital mais fria do país, onde vive há quase 30 anos, talvez não saiba que a autora é de Caicó, das altas temperaturas do Seridó do Rio Grande do Norte.

A cidade reconhecida pelos seus bordados em tecido tem uma espécie de bordadeira que literalmente

faz histórias, além de ela mesma ser um acontecimento. Artista das palavras, é na escrita que ela borda suas frases que viram contos, poemas, romances. Tem como característica uma escrita breve, de humor sutil, imagética, textos que retratam o dia a dia, lugares, pessoas. Hoje, é um dos nomes mais fortes quando se fala em literatura contemporânea no Sul do país.

Formada em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, é mestra, pesquisadora da obra de Osman Lins (1924-1978). Publicou os volumes de contos *Cecília não é um cachimbo* (2005), cujo título é uma referência trocada com *Ceci n'est pas une pipe*, a famosa obra de René Magritte, que mescla literatura e artes plásticas. *Amanhã. Com sorvete!* (2010) – que recentemente ganhou a versão em espanhol publicada no México – tem 37 narrativas curtas que transitam entre literatura e outras artes como o cinema e a música. Em 2011, lançou *Os hábitos e os monges*. Em 2015, *Na rua: a caminho do circo*, com seus personagens cotidianos, apresenta também os artistas do circo com a prosa poética de Assionara. Em setembro deste ano lançou o livro de poesias *Alquimista na Chuva*. Tem contos e poemas publicados em blogs e coletâneas literárias. Escreve muito, todo tempo. Alguns projetos devem ganhar as ruas em breve, como o livro que escreveu sobre situações da sua temporada no México. Seus escritos passeiam por temas diversos e a identificação com parte deles, certamente, é inevitável.



# Bordadeira de palavras

No livro cujo trecho abre esta matéria, o cartunista e poeta Luiz Antônio Solda, responsável por apresentá-la, descreve-a certo: “Nara adotou Curitiba para viver, para nossa alegria e felicidade. De fala mansa e gentil, descarta o desnecessário e mostra que o excesso não faz falta, quando o simples, exatamente o simples, pode explicar tudo.”

O que Solda diz faz todo sentido para quem a lê. Suas frases, carregadas da oralidade, da simplicidade, são tão afinadas no que apresentam que parecem abrir a cortina, virar a chave. É o que se sente, de maneira poética, sendo desvelado. Em um de seus poemas, *Tarot*, o texto en-

cerca, mas a linha permanece em quem lê enquanto suspiros de “é isso” ecoam: “Vida real é um cão dormindo no silêncio da tarde de um domingo”. E não é? Em outro poema, “Um breve instante”, a declaração é “quanto amo suas mãos de amarrar nuvens”.



“

Nara adotou Curitiba para viver, para nossa alegria e felicidade. De fala mansa e gentil, descarta o desnecessário e mostra que o excesso não faz falta, quando o simples, exatamente o simples, pode explicar tudo.”

**Luiz Antônio Solda,**  
cartunista e poeta

# Caicó-Curitiba, Curitiba-Caicó

Certamente não é a semelhança climática – *que não existe* – o motivo da duplicidade territorial de Assionara Souza. Nascer em Caicó e morar em Curitiba, no âmbito facilmente perceptível aos olhos e à pele, é ruptura radical. Das altas temperaturas às baixas. Das altas interações entre pessoas a um modo mais, pode-se dizer, introvertido. E é aí que ela consegue reunir todas as memórias e conta de maneira tão poética quanto

seus textos. Então, por pensar em oralidade, é em Caicó que tudo começa cercado pela cultura popular.

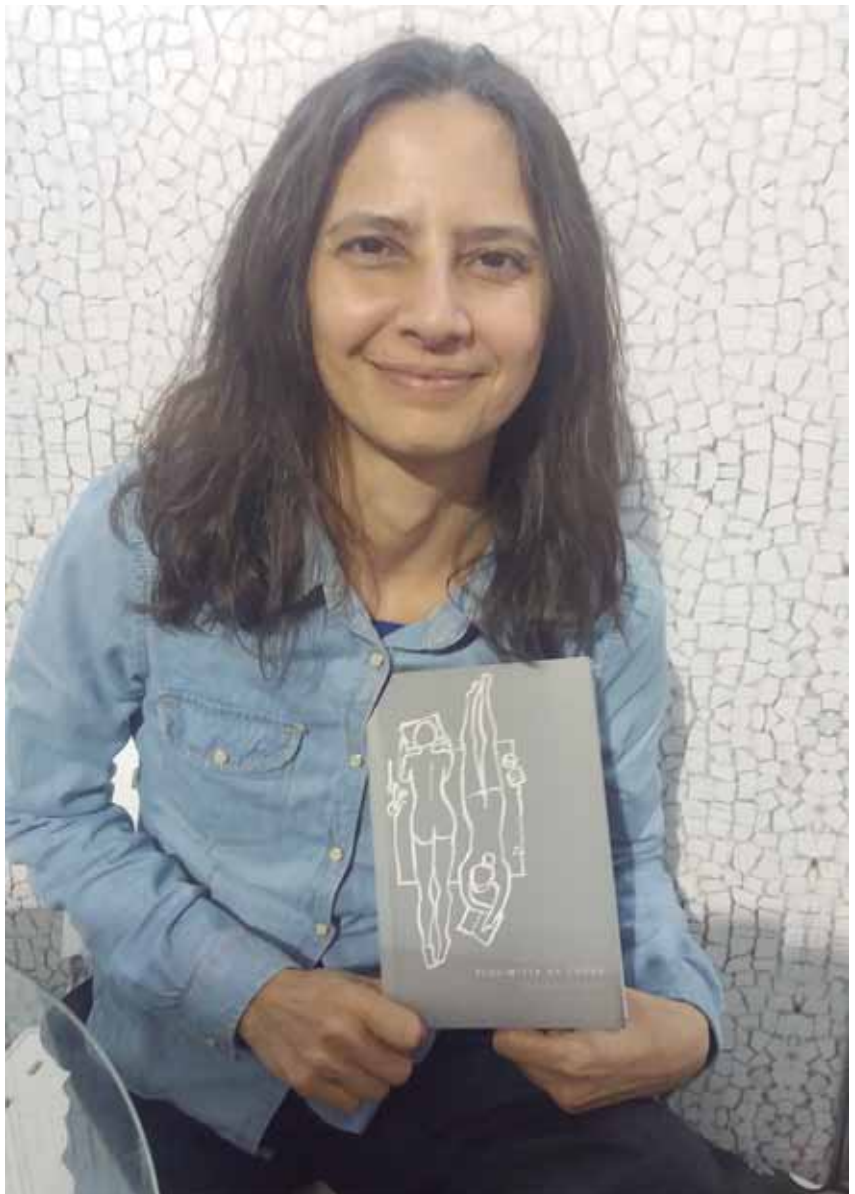
Foi na cidade da famosa Festa de Sant’Ana que ela nasceu, em 1969. Ao lembrar da terra que viveu os primeiros anos da infância, fala como quem ouve naquele instante o som dos violeiros do Seridó que, com suas pelejas, costumavam fazer espetáculos quase que diários, com a presença do violeiro e poeta local Sebastião da

Silva. Essa música tão característica aprendeu a apreciar com o avô, homem do campo que repousava o chapéu sobre a chapeleira e ali ficava em “posição solene e condição de escuta”, como lembra. “Aquela oralidade da música dos violeiros me deixava fascinada, assim como a literatura de cordel”, conta a escritora, que desde os nove anos de idade tem por hábito bordar palavras e acredita que a sua formação literária teve início com a música.

Do interior do Rio Grande do Norte à capital do Paraná, foram duas as idas por temporadas. Como tem avós curitibanos, passou um tempo morando, aos oito anos e depois aos 13. “Tinha medo do frio e da chuva e estranhava a forma de comunicação do lugar, mais distante, o fato de não conhecer as pessoas. Em Caicó todo mundo se conhecia. Costumava me corresponder por cartas com a família e era algo maravilhoso. Envolveria o processo de escrita, a espera”, revive.

No período de vestibular, mudou-se para Natal. Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo, por dois anos, até ver que não era o seu caminho. Há 27 anos, a caicoense voltou a Curitiba. Antes das letras institucionalizadas, chegou a cursar informática e trabalhar em banco. “Os descaminhos que a gente vai fazendo tentando fugir do destino é que nos levam ao encontro”, contextualiza Assionara sobre o início do curso de Letras na Universidade Federal do Paraná. Filha e irmã de professoras, fugia da ideia de também ser uma.

Logo no início, em uma aula da professora Elisa Quadros sobre poesia, pensou no porquê de ter demorado tanto para estar ali. Era aquilo. A escrita. A primeira vez que se viu como professora foi para um cursinho pré-vestibular solidário. Rodeada de centenas de pessoas, deu suas



Com seu mais recente livro lançado, *Alquimista na Chuva*

primeiras aulas. E gostou. “Meus professores me emocionavam muito. Isso de amar o que faz. Então me ver no lugar deles foi apaixonante”. Também foi revisora de jornal, atividade que desempenha diariamente, principalmente em período de finalização de livro. “Demoro a entregar a versão final. Reviso mil vezes. Olho cada

palavra, vejo se repeti sem necessidade algumas delas, o sentido, a forma, se tem advérbio de mais”.

Assionara tem de Caicó também a forte lembrança do pai, que morreu em 2017. “Sempre que eu chegava Caicó ele falava: ‘Chegou Raquel de Queiroz?!’ Meu pai tinha um humor maravilhoso, era tão divertido.”

Enquanto o encontro profissional acontecia, a identidade *caicoensecuritibana* se formava. A palavra inventada por quem a entrevistou para estas páginas adjetiva alguém que, como disse Luiz Antônio Solda, é um ganho para a cidade que a tem e já faz parte de muito que a compõe. Como culturas são híbridas, nada se perde, tudo se mescla, adapta-se, transforma-se. Há muito das duas cidades em Assionara. E pertencimento é daqueles sentimentos que se fortalecem ao esticar das raízes. “Você já passou em uma esquina da [Rua] Mariano Torres que tem uma palmeira? Aquele lugar tem o cheiro de Natal e eu passava por lá e ficava sentindo”, conta a observadora do cotidiano e especialista em retratá-lo literariamente, a senti-lo.

Assionara também deu aulas em escolas e universidade privada no Paraná. “Gosto de ensinar literatura brasileira, sem aquele ar conservador. Mas às vezes me vêm com coisas como metodologia, coisas assim, não me atraem”. Giovani Kurz, que hoje é escritor e estudante de Letras da UFPR, foi aluno da potiguar na disciplina de literatura brasileira no terceiro ano do Ensino Médio. “Sobre ela, não sabia muito. Tinha lido *Os hábitos e os monges*, talvez o livro mais desconhecido dela. Depois, claro, descobri o *Cecília não é um cachimbo*, de 2005, e *Amanhã. Com sorvete!*, de 2011. Em sala



de aula, a Nara sempre propôs uma aula sob um modelo diferente, numa tentativa de diminuir aquela distância muitas vezes assustadora entre aluno e professor. Sempre discutimos as obras - para fazer vestibular, infelizmente - sem qualquer apostila, sem qualquer sistematização burocrática que diminuísse ou distorcesse a compreensão dos livros”.

Durante o mestrado em Letras na UFPR, pesquisou a obra do pernambucano Osman Lins, autor da peça *Lisbela* e o Prisioneiro, adaptada para o cinema em 2003. O interesse pelo escritor surgiu ao ler a narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina*, obra que,

“

Em sala de aula, a Nara sempre propôs uma aula sob um modelo diferente, numa tentativa de diminuir aquela distância muitas vezes assustadora entre aluno e professor. Sempre discutimos as obras - para fazer vestibular, infelizmente - sem qualquer apostila, sem qualquer sistematização burocrática que diminuísse ou distorcesse a compreensão dos livros.”

**Giovani Kurz, escritor**

como explica, “acabou com ela”. O impacto da mistura de imagem e literatura, a temática Nordeste, a forma, tudo junto, a levaram a adotá-lo como pesquisa. “O Nordeste era muito invisibilizado no sul. Estávamos na literatura, nos personagens, mas era como se não existíssemos de fato por aqui”.

Entre as atividades, são a criação, os livros e produção de ações literárias as que mais a movem. “O livro é uma comunicação muito pura. Ele é fechado em sua forma. A pessoa tem que querer abrir, tem que chegar até ele, diferente de uma publicidade, por exemplo. E aquela palavra tem uma força importante. A literatura



é um lugar muito generoso porque não agride, não é como um cartaz”.

Embora encontro dos mais prazerosos, viver da arte, da escrita, nunca foi caminho dos mais fáceis. “O artista já é por si marginalizado, principalmente com a postura de certos gover-

nos. Em Curitiba, temos o mito [Paulo] Leminski, mas de modo geral os principais acontecimentos literários não estão aqui, o que também permite mais liberdade. Escrever à margem é escrever sem holofotes. O olhar é livre”, reflete Assionara Souza.

## Destaque do sul ao norte

A potiguar é destaque no sul do país. Reconhecida, admirada, está sempre entre os principais nomes quando o assunto é literatura. De repertório extenso, carrega referências do mundo inteiro e algumas preferências. A primeira citada é o argentino Júlio Cortázar, considerado um dos maiores escritores da América Latina e destaque pela prosa poética e contos curtos. A ucraniana mais pernambucana Clarice Lispector e suas obras de cenas do cotidiano também está na lista de admirações. Mas é uma autora contemporânea, e bem próxima, quem considera como maior destaque atual da literatura brasileira: Luci Collin, poeta, contista e professora universitária que acaba de ser eleita para uma cadeira na Academia Paranaense de Letras.

Sobre o caminho para quem quer escrever, Assionara Souza afirma que há um percurso, sim, e não se trata de uma inspiração ou “iluminação”, como indica a visão romantizada da atividade. “Está na hora de parar essa de inspiração. Lembro que fiz aulas com Wilson

Bueno sobre representação da literatura brasileira e aprendi várias técnicas de escrita. Estão fazendo desastres com essa ideia de escrever sem referências técnicas ou com o pensamento equivocado de não ler outros autores para não influenciar o próprio texto. Tem que ler. Ler muito. Todo tempo”.



### Tarot

Vou confessar, querida  
Tenho isso de gostar dos loucos  
Observa de longe o jeito que eles comem com os olhos  
Com você foi assim  
Esse esmalte vermelho sempre em dia  
Esse passado colado no álbum com cantoneiras e papel vegetal  
Quero a receita completa  
Desde o suspense antes do desfecho da trama  
O disparo, teu olho ajustado pra câmera  
Por trás da palavra pêssego  
corre um rio espesso  
Mordo a palavra pêssego  
E as comportas desabam — uma cidade inteira vem abaixo  
Corremos, corremos para bem longe do set de filmagens  
Vida real é um cão dormindo no silêncio da tarde de um domingo

ASSIONARA SOUZA

A portrait of Cassio Romano, a middle-aged man with dark hair, wearing a light blue suit jacket, a white shirt, and a dark tie with a floral pattern. He is smiling slightly and has his hands clasped in front of him. The background is a plain, light-colored wall with a dark wood panel on the left.

# UM POTIGUAR EM MADRI

Há 23 anos, Cassio Romano dirige a Casa do Brasil na Espanha

**Por Antonio Nahud, de Madri, Espanha**

Fotos: Acervo Pessoal

**CONCEBIDA COMO UM PEDACINHO** do Brasil na Espanha, a Casa do Brasil é um consagrado centro cultural difusor da língua, das artes plásticas, do cinema, da literatura, da cultura brasileira de maneira geral, através de cursos, palestras, shows, lançamentos literários e exposições. Situada na cidade universitária de Madrid, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, proporciona apoio e moradia a universitários ou pesquisadores, brasileiros e também de outros

países. A instituição tem 124 apartamentos, alojando pessoas do mundo inteiro, além de ser objeto de teses de pesquisadores que fazem doutorado em arquitetura e em história da arte, encantados com o edifício singular, reconhecido como patrimônio cultural pelo Colégio Oficial de Arquitetos da Espanha, e construído a partir de um projeto conjunto dos arquitetos Luís Afonso d'Escagnolle Filho e Fernando Moreno Barberá, da escola de Oscar Niemeyer.



Casa do Brasil na Espanha é importante centro de cultura

Os cursos de Língua Portuguesa que a Casa do Brasil oferece a estrangeiros, em seis níveis, do básico ao avançado, são, desde 2004, reconhecidos pelo Ministério da Educação do Brasil. Milhares de espanhóis e cidadãos de outras nacionalidades já concluíram esses cursos, que conquistaram tal credibilidade que a respeitada Universidad Complutense de Madrid os aceita como crédito universitário para seus alunos que os frequentem. Também na área esportiva, o local converteu-se em referência. Ela não só abriga atletas em trânsito como tornou-se habitual ponto de encontro entre atletas brasileiros das mais diversas modalidades em passagem pelo país e daqueles que residem na Espanha, principalmente os futebolistas.

Neste mês de junho, o emblemático local está celebrando 55 anos de existência. Pelos seus corredores modernistas passaram centenas de estudantes e professores, além de personagens consagrados da arte nacional, como a performer Denise Stoklos e o músico Carlinhos Brown; do esporte, como Ronaldo e Roberto Carlos; da política, como Marco Maciel, José Agripino e a presidente impichada Dilma Rousseff; e escritores como Jorge Amado, Nelida Piñon, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Nejar.



Cássio na frente da Casa do Brasil em Madri



**Cássio recebendo a Ordem do Rio Branco do Embaixador Carlos Garcia**

Engenheiro Civil de Origem Potiguar, Cássio Romano dirige a Casa do Brasil há 23 anos. Ele vem conseguindo sucesso em uma empreitada difícil, até por se encontrar na pátria de Cervantes, García Lorca, Miró, Dalí, Picasso, Gaudí, Carreras e tantos outros nomes consagrados mundialmente como referências culturais: a função de cada vez mais difundir, projetar e tornar admirada e respeitada a cultura brasileira entre os espanhóis. Mais que isso, com essa tarefa, estreitar as relações entre os dois povos. Nesta entrevista, fala do seu trabalho e recorda o passado em Natal. Confira.



**Cássio, Chris, Ana Carolina e Luis Felipe Romano**

**ENTREVISTA - CASSIO ROMANO**

# Convivência harmônica

**Bzzz - Como nasceu a Casa do Brasil?**

*Cassio Romano* - Nasceu como fruto de um acordo cultural entre o Brasil e Espanha, firmado em 1960 após a visita do então presidente brasileiro Juscelino Kubistschek, que propôs essa iniciativa ao observar o elevado número de estudantes do nosso país que ampliava seus estudos em Madri. O governo espanhol doou o terreno e em 1962 aconteceu a inauguração. Portanto, temos 55 anos de existência.

**Bzzz - Quais são os serviços que a instituição oferece?**

*CR* - Sempre digo que temos três pilares. O primeiro é a residência universitária, um alojamento para estudantes, brasileiros ou não. O segundo, o ensino. Desde cursos de português para estrangeiros a cursos de capoeira, violão, dança e canto. O curso de português cresce a cada ano, inclusive cedemos professores para algumas empresas espanholas. No ano passado se inscreveram 1.712 alunos, e este ano creio que superaremos os 2.000, sendo entre 80 e 90 % procurado por espanhóis, embora também estudem nosso idioma outros europeus, principalmente alemães. O terceiro pilar são as atividades culturais, incluindo exibição de



filmes, palestras, lançamentos de livros, exposições, shows. Os ciclos de cinema brasileiro, em versão original e projeções semanais, fazem grande sucesso. São essas as facetas da Casa do Brasil.

**Bzzz - De volta ao passado, retrate sua origem natalense.**

*CR* - Nasci em Natal, em 1961. Morei na capital potiguar até

os 23 anos de idade. Estudei engenharia civil na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na minha época, uma cidade onde todos praticamente se conheciam. A Zona Norte pouco habitada, Ponta Negra uma praia de veraneio e chegar a Pirangi uma verdadeira viagem. Vi a construção do Castelo. A criminalidade nula. Era outra história.

### **Bzzz - Você sempre volta ao Rio Grande do Norte?**

CR - Todos os anos. Minha mãe, Marlise, e minhas tias, Marluze e Estefânia, moram lá. Tenho acompanhado a transformação da cidade, principalmente no setor hoteleiro. No meu tempo não havia a Via Costeira. O prefeito atual, Carlos Eduardo, é um grande amigo. Eu o chamo de Tata. Estudamos juntos e tenho apartamento vizinho ao dele. Quando vou a Natal, costumamos caminhar cedinho do nosso prédio até o Forte dos Reis Magos. Gosto muito dele.

### **Bzzz - Acha positiva a transformação de Natal?**

CR - De negativo, como em todo o Brasil, a questão da segurança. A população vive em prisão domiciliar e os bandidos estão soltos nas ruas. É revoltante. Positivamente, há a facilidade dos transportes aéreos para qualquer parte do mundo. Há a gastronomia maravilhosa distribuída em inúmeros e ótimos restaurantes. Quando eu vivia em Natal só tinha três restaurantes onde se podia comer bem: Nemésio, Xique-Xique e Peixada da Comadre. A parte hoteleira também é uma vitória. Natal tem bons hotéis.

### **Bzzz - De Natal a Madri. Como foi isso?**

CR - Depois de formado, meu avô, Raymundo de Almeida, ofereceu-me uma viagem de 40

dias a Europa. No finalzinho, passei em Madri e resolvi fazer doutorado por aqui. Foi em setembro de 1984. Em 86 conheci minha futura esposa, a paranaense Christianne, e nos casamos no mesmo ano, em Curitiba. O amigo Henrique Eduardo Alves foi meu padrinho de casamento. Dessa união, nasceu Luís Felipe, hoje com 25 anos e diretor de marketing, e a seguir, Ana Carolina, 17 anos, universitária.

### **Bzzz - A Casa do Brasil surgiu no seu caminho por acaso?**

CR - Talvez. Fui convidado para trabalhar como vice-diretor em 86. Aceitei o convite, ficando no cargo até 94, e a partir daí passei a dirigir a Casa. Ocupo esta função até hoje.

### **Bzzz - Considera gratificante?**

CR - Claro. É um trabalho muito gratificante. Estou sempre em contato com estudantes, ou seja, essa vivência me torna também estudante, o que é bastante prazeroso.

### **Bzzz - Quais os planos da sua administração para os próximos anos?**

CR - Estamos sempre tentando melhorar, no sentido de consolidar e ampliar o papel que a Casa do Brasil exerce na Espanha, muito mais do que sua função original, de abrigo para estudantes, como polo irradiador da cultura brasileira. A nossa meta atual é aprimorar os alojamentos e diversificar os cursos.

“

Estou sempre em contato com estudantes, ou seja, essa vivência me torna também estudante, o que é bastante prazeroso.”

## **10 VEZES RN POR CÁSSIO ROMANO**

1. Festa do Boi.
2. Festa de Santana.
3. ABC.
4. Bloco de carnaval Jardim de Infância.
5. Colégio Salesiano.
6. Banho de mar na Praia do Forte.
7. Hotel Ocean Palace.
8. Mozart Romano, meu pai.
9. Ponta Negra de minha juventude.
10. Jogo de Futebol no Colégio Imaculada Conceição.

### **CASA DO BRASIL**

Avda. Arco de la Victoria, 328040  
Madrid – Espanha  
www.casadoBrasil.es  
@CasadoBrasilEspana

# NÃO É SÓ TIMIDEZ

Fobia social: transtorno que pode prejudicar – e muito – a vida das pessoas algumas vezes é abordado de maneira equivocada. O que é esse mal e como tratá-lo

**Por Alice Lima**







**O QUE DEVERIA SER** uma aula comum de química no Ensino Médio se transformava em horas de pânico. “O professor falava para ir ao quadro e eu já me sentia exposto e vulnerável. Meu coração disparava e ficava esperando o momento que iriam rir. Algumas pessoas chegavam a se sentir mal por mim, pois eu tinha asma e às vezes acaba tendo crise naquele momento”, lembra Jonas\*. Embora para alguns pareça comportamento comum para um adolescente, as sensações demonstram um problema que está além da timidez e pode provocar sérios transtornos na vida – a fobia social.

De acordo com a psicóloga Julita Sena, trata-se de um quadro de ansiedade que gera a conduta de evitar grupos por um medo irracional que quem sofre do mal tem de se comportar de forma constrangedora e ser recriminado pelos demais. É esse medo do ridículo que fazia Jonas evitar a socialização e atividades com outras pessoas. Quando seu transtorno de ansiedade passou a se expressar fisicamente, na 2ª série do Ensino Médio,

começou a fazer terapia. Durante as sessões, embora mais voltadas à ansiedade, tratou a fobia social. Ainda não se sente completamente à vontade nos ambientes em que vive, mas há profunda melhora agora na faculdade em relação aos tempos de escola. “Tomava ansiolíticos, mas acho que não ajudavam. Comecei a trabalhar em um ambiente que me faz bem e dar aula ajudou muito”, explica Jonas.

Assim como acontece com outros transtornos psicológicos, a falta de conhecimento pode gerar a falsa ideia de que “isso é coisa da cabeça, psicológico” e demais afirmações de quem não entende exatamente o que a pessoa está passando. Contudo, as consequências da fobia social são bastante reais, assim como todas as marcas que caracterizam a ansiedade. “Os sintomas clássicos de um quadro ansioso como taquicardia, sudorese, falta de ar, tontura, apertos no peito, ânsias de vômito e desconfortos no sistema digestivo. Além disso, humor e cognição podem ser severamente comprometidos” alerta Julita.



# O que se perde

Para quem sofre de fobia social, realizar atividades consideradas simples para outras pessoas pode ser uma missão impossível. Rodrigo\* conta que apenas na 3ª série do Ensino Médio conseguiu apresentar o primeiro trabalho em sala de aula sem passar mal. Na cidade em que nasceu e morou até começar a faculdade, nunca foi ao cinema. A ideia de muita gente desconhecida concentrada o apavorava. Ele chegou a perder oportunidades de trabalho por pensar que todos estariam olhando-o e analisando o seu desempenho.

Para conseguir viver, buscou

a estratégia de “vestir um personagem”. “Ser o centro das atenções era um problema. Tinha medo do ridículo todo tempo. Passei a fazer piadas durante as apresentações e fui me livrando. Visto um personagem da minha fobia social, inseguro, mas fazendo graça o tempo todo. Aprendi a lidar com boa parte das coisas. Festas ainda me causam desconforto, mas não acho mais que está todo mundo me olhando e já não tenho mais palpitação ou suor nas mãos”, define Rodrigo, que hoje trabalha com comunicação organizacional e precisa lidar constantemente com o público.

“

Ser o centro das atenções era um problema. Tinha medo do ridículo todo tempo. Passei a fazer piadas durante as apresentações e fui me livrando. Visto um personagem da minha fobia social, inseguro, mas fazendo graça o tempo todo.”

**Rodrigo\***



# Causas e o que fazer

Dizer o motivo exato não é fácil. A psicóloga Julita Sena explica que é muito importante que a causa seja investigada de forma individualizada para que o tratamento também esteja de acordo com o quadro específico e demandas. “Estudos recentes apontam fatores genéticos, mas os aspectos relacionais e ambientes são predominantes”, explica.

Os sinais podem vir desde o desenvolvimento infantil, predominantemente marcado pela socialização da criança. “Caso os pais observem algo como isolamento, reclusão, recusa a participar de atividades grupais acompanhada de muita resistência e angústia, oriento que procurem um profissional especializado e qualificado no atendimento desse público”, complementa Julita.

Alguns medicamentos ansiolíticos são indicados e têm apresentado bons resultados em pacientes que sofrem do mal. Porém, antes disso, a recomendação é que procure o auxílio de profissionais da psicologia e psiquiatria. “É importante uma investigação com o psicólogo para compreensão elaborada das causas dos sintomas, suas manifestações e possibilidades de tratamento. Vale chamar a atenção para que o profissional da psicologia esteja atento à importância de uma intervenção medicamentosa em alguns casos e que o profissional da psiquiatria esteja sensível à necessidade da psi-



**Julita Sena, psicóloga, explica como lidar com o transtorno**

coterapia para o acompanhamento mais adequado, o que leva ao controle dos sintomas e estabilização do paciente”, esclarece Julita.

A psicoterapia individual, especialmente no período inicial ou de maior manifestação dos sintomas, deve ser prioridade. Segundo a profissional, as psicoterapias grupais podem ser fundamentais para o apoio e identificação de um sujeito com outro, o que facilita a compreensão de quem vive a situação. Além disso, atividade física e alimentação saudável auxiliam no equilíbrio do metabolismo e de componentes fi-

siológicos que podem contribuir ou comprometer ainda mais aquilo que sente o paciente. \_

Vale destacar que as pessoas que têm fobia social não perdem a consciência sobre seus pensamentos e sensações. Também por isso, o tema pode e deve ser conversado com outras pessoas, o que pode ajudar no caminho de esclarecimentos sobre a necessidade de auxílio profissional. Estimular essa busca e manter o acompanhamento é fundamental.

\*Os nomes reais foram preservados.

# Mente sã, corpo sã

Baseada na medicina chinesa, a fisioterapeuta Cláudia Siqueira explica como o corpo reage às emoções e como o acúmulo de sentimentos pode provocar doenças graves, como o câncer

**Por Rafael Barbosa**

Fotos Bruna Fotin Genn





**ALEGRIA, FRUSTRAÇÃO, TRISTEZA, MEDO,** ciúme e raiva são sentimentos inerentes aos seres e responsáveis por diferentes sensações refletidas no nosso organismo. Para a medicina oriental, cada uma dessas emoções que já conhecemos está vinculada a órgãos do corpo humano e podem ser responsáveis por gerar doenças físicas, incluindo o câncer.

A fisioterapeuta Cláudia Siqueira, pesquisadora desse tipo de vertente da medicina, explica que o organismo reage de diferentes maneiras às emoções, e isso impacta na saúde dos indivíduos. “Principalmente a medicina oriental, mais que a ocidental, acredita que o nosso corpo físico é um reflexo das nossas mentes, dos nossos pensamentos e das nossas emoções. Baseado nisso, o corpo reage de forma saudável, ou de forma doente”.

Segundo a ciência medicinal do Oriente, principalmente a chinesa, na qual Cláudia baseia os seus estudos, as doenças são manifestadas primeiramente no campo emocional para, depois, instalarem-se no campo físico de cada organismo. “Existem inúmeras pesquisas mostrando que o corpo tem eventos de estresse no dia a dia, normalmente. Existe uma pesquisa que diz que a gente tem, em média, 50 eventos de estresse no corpo. Isso é normal. Normal no sentido de que a gente

tem um estresse por conta da vida urbana, do trânsito, das nossas relações, do ambiente de trabalho. Porém, uma vez que passou aquele evento de estresse, existe uma resposta de relaxamento do corpo para voltar ao equilíbrio”.

O “estresse permanente”, no entanto, provocado por pensamentos negativos, emoções contidas de forma crônica, faz com que o sistema nervoso não relaxe. “Medo, raiva, excesso de tristeza. E aí esses hormônios do estresse são mantidos o tempo todo, estão o tempo todo lançando no sistema que o corpo está em ameaça. Isso faz com que a célula interprete que a toda hora ela precisa reagir àquele estímulo nocivo, ocasionando alterações intracelulares, que fazem com que a célula entenda que precisa estar sempre em alerta. Isso vai provocando mudanças, inclusive na multiplicação das células, como é o caso do efeito do câncer, por exemplo”.

De acordo com a fisioterapeuta, nesse processo as células do corpo humano começam a se multiplicar de maneira inadequada. “Há várias pesquisas que mostram que um dos efeitos do estresse é a diminuição da atuação do sistema imunológico. E aí a célula tem que lutar constantemente por aquilo sem o sistema imunológico conseguir combater. Aí se instalam as doenças. Inúmeras!”, afirma.



Cláudia Siqueira explica como os sentimentos podem afetar a saúde

## Órgãos e emoções

A literatura da medicina chinesa, uma das mais antigas do mundo, é clara ao relacionar sentimentos e emoções com os órgãos do corpo humano, discorre a fisioterapeuta. “A gente tem cinco principais órgãos que controlam todo o nosso sistema, não são os únicos, porém os mais importantes, pelo pensamento chinês, que são: o coração, que carrega o sentimento da alegria; o baço e o pâncreas, que são quase um órgão só e carregam emoção de preocupação

e reflexão; o pulmão carrega a tristeza, o rim carrega o medo, e o fígado carrega raiva”.

Segundo a fisioterapeuta, apesar de todos esses serem sentimentos comuns aos seres humanos, o excesso de alguma dessas emoções desequilibra o funcionamento do organismo, causando o estresse do corpo e, consequentemente, as doenças. “Elas estando em equilíbrio são todas fundamentais, são manifestações

do que a gente sente. Como esses sentimentos moram dentro desses órgãos, na forma energética desses órgãos, se estiverem em excesso, o órgão trabalha em excesso, e o trabalho em excesso gera multiplicação de células em excesso, o que pode gerar malignidade”, alerta. “Mas a gente consegue deixar isso em equilíbrio se essas emoções forem produzidas de acordo com os eventos que a gente vive, e se elas são faladas, tratadas”.

# O tratamento

As emoções não são o único fator provocador das doenças, atenta Cláudia Siqueira. O estilo de vida das pessoas, alimentação e uso de substâncias agressoras ao organismo também são determinantes para fragilizar o corpo e permitir o desenvolvimento dos males de diferentes tipos. Para se levar uma vida saudável e evitar doenças é necessário conjugar uma série de ações cotidianas.

Uma delas é acreditar no tratamento que está sendo empregado e no profissional que o desenvolve, explica a fisioterapeuta. Isso porque o corpo humano tem grande capacidade de cura, e esse estímulo contribui para o tratamento de qualquer mal que venha a acometê-lo.

Um exemplo são as pesquisas

realizadas com placebos, os remédios que não têm efeito químico verdadeiro e são aplicados em pacientes, que acabam apresentando resultados positivos em seus quadros de saúde. De acordo com a profissional, a explicação seria o fato de essas pessoas terem acreditado que os falsos medicamentos lhe dariam a cura e, deste modo, o organismo começa a trabalhar em função dessa crença.

“Seja um remédio químico, de verdade, ou um placebo, o paciente precisa acreditar que aquilo vai dar certo. Nisso eu faço uma crítica forte à medicina ocidental em relação a como a gente comunica os diagnósticos aos pacientes, como você dá esperança ou tira completamente a esperança de uma pessoa, quando você fala que ela não

“

Muitas vezes eu digo que o que matou a pessoa não foi o câncer, foi o diagnóstico, ou a forma como o tratamento foi conduzido.”

**Cláudia Siqueira,**  
fisioterapeuta

tem cura, que ela vai viver ‘x’ tempo. Muitas vezes eu digo que o que matou a pessoa não foi o câncer, foi o diagnóstico, ou a forma como o tratamento foi conduzido”. A partir dessa premissa, ela diz que é preciso que o doente procure o tratamento que apresentará o resultado correto para a sua enfermidade.



# Experiências

Secretário-geral da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, Augusto Viveiros é um dos exemplos dessa visão. Sofria com dores diárias na coluna. Consultou-se com alguns médicos, que lhe deram o mesmo diagnóstico: era preciso operar. Mas ele não se deu por satisfeito e, a conselho de uma amiga, descobriu formas de tratamento alternativo. Há pouco mais de um ano iniciou sessões de acupuntura, atualmente associada com au-

las de pilates. “Estou curado, não tenho mais dor!”, exclama.

“A resposta tem muito a ver com a fé que ele teve no tratamento, a maneira como encarou. Cada organismo responde de uma forma ao tratamento. Ele acreditava piamente que aquilo ia acontecer. Então a gente otimizou muito o resultado. O resultado que eu teria com um paciente, talvez, em três, quatro ou cinco sessões ele teve em uma sessão. Foi surpreendente, mesmo”, relata a fisioterapeuta.



“

Estou curado, não tenho mais dor!”

**Augusto Carlos Viveiros,**  
secretário-geral da AL



Técnicas com agulhas e ventosas auxiliam no tratamento de sintomas



# Saúde milenar

A acupuntura é uma prática milenar chinesa que tem por objetivo estimular pontos nos canais energéticos do corpo para estimular também os órgãos. “São mais de 360 pontos no corpo. Ela é uma prática que visa o equilíbrio do organismo. Uma vez que uma doença só se instala num organismo que está em desequilíbrio, seja ela qual for, a finalidade da acupuntura é voltar o equilíbrio do organismo, e aí o processo de cura da doença, ou do sintoma que a pessoa está sentindo, vai cedendo”, explica Cláudia.

Na acupuntura mais tradicional, a medicina oriental diz que é possível analisar através do pulso do paciente como está a energia de cada órgão. “Independente do sintoma que a pessoa traz, avaliando o pulso se consegue ver onde é que está o problema no organismo, e, a partir disso, tonificar os órgãos que estão em baixa de energia, ou tirar um pouco da energia dos órgãos que estão muito acelerados, propensos, por exemplo, a desenvolver um câncer”.

“

Pela avaliação do pulso a gente consegue ver que aquele órgão tem potencial para desenvolver uma doença física, mesmo sem sintoma”.

**Cláudia Siqueira**

“Então, muitas vezes, a gente faz o diagnóstico antes de a doença estar instalada. Porque, energeticamente, pela avaliação do pulso a gente consegue ver que aquele órgão tem potencial para desenvolver uma doença física, mesmo sem sintoma. Nessa via, a acupuntura é uma excelente ferramenta de prevenção. Por isso também ela é tão criticada, porque a gente corta esse comércio da doença, previne a pessoa de adoecer, então ela não vai fazer parte daquele ciclo contínuo de medicação, de internação”.

No caso de o paciente já apresentar um sintoma, o tratamento foca na eliminação dessas primeiras manifestações de anomalia da saúde, e depois no combate à raiz do problema. “Depois que a gente trata do sintoma físico, a gente vai fazer a cura de dentro acontecer, o que causou esse sintoma”, reforça.

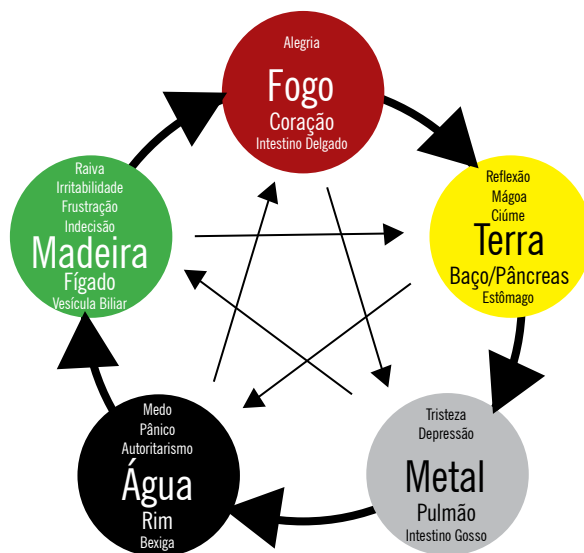
De toda maneira, a fisioterapia

“

A saúde é um complexo de coisas bem simples. É como você lida com as situações do seu dia a dia que faz com que você mantenha um equilíbrio emocional”

**Cláudia Siqueira**

peuta indica que o tratamento isolado por acupuntura não é a única via para manter o corpo bem e saudável. Praticar exercícios físicos, ter momentos de lazer, estar com os amigos, manter bons relacionamentos, cuidar da alimentação continuam sendo fatores que contribuem para se levar uma vida com mais qualidade. “Nunca é uma coisa só. Tudo isso dá um suporte para o organismo não adoecer. A saúde é um complexo de coisas bem simples. É como você lida com as situações do seu dia a dia que faz com que você mantenha um equilíbrio emocional”.



A photograph of two men walking on a sandy beach. The man on the left is wearing a white t-shirt and plaid shorts, carrying a bag of green Heineken beer bottles. The man on the right is wearing a blue and white striped polo shirt and striped pants, also carrying a bag of beer bottles. The background shows the ocean and a hillside under a clear blue sky.

# Artista da transformação

Ele recicla garrafas de vidro para transformar em belos copos. Com a arte, sustenta toda a família no esforço de sol a sol pelo litoral potiguar

**Por Aura Mazda**  
Fotos: Aura Mazda



**BASTA O SOL APONTAR** no horizonte escuro indicando que o dia vai amanhecer para o artesão Walter Luiz da Silva, 46 anos, sair para um novo dia de trabalho em ruas e bares de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Segue em busca da matéria prima que utiliza para produzir suas obras de arte. É da reciclagem de garrafas de cerveja que o natalense, nascido no bairro do Alecrim, retira o sustento das 12 pessoas que moram em um pequeno cômodo da Rua do Motor, na Praia do Meio.

Na garagem da casa da mãe funciona a oficina improvisada, onde o artista recicla lixo e transforma em copos e outros objetos. Com um carrinho de mão, Walter recolhe as garrafas de 600 ml. “Saio com o meu carro de mão e cato as garrafas em bares, nas ruas e as vezes vou nos lixões. Também doações, mas é mais difícil”, conta.

De sol a sol, durante todos os dias da semana, o artesão percorre as praias mais “badalas” do litoral potiguar para vender os copos reciclados. Da Praia do Meio, em Natal, à Pipa, em Tibau do Sul, litoral sul, é difícil achar quem não tenha se deparado ao menos uma vez com um homem castigado pelas marcas do sol, franzino e de sorriso largo passando de barraca em barraca oferecendo seus produtos. Por mês, Walter fatura de R\$ 1.200 até R\$ 2.500 (em alta estação).

“Ponta Negra é a melhor praia para vender porque vão muitos turistas. Muitas pessoas valorizam meu trabalho, elas ficam curiosas para saber como eu faço e eu explico todo o processo com muito gosto”. No cômodo da parte baixa da casa, Walter dedica parte do dia a reciclar as garrafas de vidro. Pouco a pouco, elas são transformadas em copos que podem ser usados tanto para tomar uma cerveja gelada, quanto para vasos de flores.



## Da necessidade ao artesanato

O ofício ele aprendeu ainda menino. Mesmo criança, como muitos brasileiros que vivem na sombra da pobreza extrema, teve que abandonar os estudos para ajudar a mãe, abandonada pelo marido quando os filhos ainda eram pequenos. Mais velho de uma família de sete filhos, aos 11 anos aproveitava o horário em que não estava cuidando dos irmãos para ir até uma oficina onde uma pessoa conhecida da família reciclava vidros encontrados no lixo.

“Eu observava tudo que podia para aprender”, lembra Walter.

Na infância, a palavra fora era imperativa na casa onde morava. Um episódio que ficou marcado na vida do artesão foi a morte de um dos irmãos mais novos, que foi dormir com fome e acordou gritando de dor no estômago. “Meus olhos viravam rio quando eu chegava em casa, depois de um dia inteiro catando comida no lixo, e via os meus filhos com fome”, lembra a matriarca, Carmem da Silva, de 65 anos.

“

Tinha dia que a alegria era ver o carro do lixo passando na rua para poder catar os restos que caíam no chão. Em algumas noites, minha mãe nos dava farinha com água para não irmos dormir de barriga vazia.”

**Walter Luiz, artesão**

“

Às vezes meus filhos são motivo de piada na escola, os amigos dizem que o pai cata lixo. Eu digo para eles que é isso mesmo e não existe vergonha quando se trabalha duro.”

**Walter Luiz, artesão**

“Foi uma época muito difícil em nossa vida. Um tempo que só de lembrar eu tenho vontade de chorar. Tinha dia que a alegria era ver o carro do lixo passando na rua para poder catar os restos que caíam no chão. Em algumas noites, minha mãe nos dava farinha com água para não irmos dormir de barriga vazia”, lembra o artesão. Ele faz questão de contar as histórias sobre os muitos dias em que passou e viu os irmãos passando fome para os seis filhos, como forma de lição.

Com a dona de casa Jucilene Moreira Gonçalves, de 39 anos, Walter da Silva divide angústias e as alegrias da vida. Casados há 21 anos e pais de seis filhos, eles sonham em um dia

ter a casa própria e não precisar pagar aluguel. “As vezes a gente tem que escolher entre comprar alguma coisa para os meninos ou pagar o aluguel”, diz Jucilene.

Orgulhoso da profissão que exerce, Walter da Silva atribui à reciclagem de lixo e as experiências que o ofício trouxe ao longo de mais de 30 anos, a pessoa que se tornou. “Às vezes meus filhos são motivo de piada na escola, os amigos dizem que o pai cata lixo. Eu digo para eles que é isso mesmo e não existe vergonha quando se trabalha duro. Moro em uma casa alugada, passo muito aperto, mas posso dizer que sou uma pessoa de caráter, que nunca pegou nada de ninguém e que é feliz fazendo o que faz”.



Walter Luiz e Carmem da Silva

# Inspiração nova-iorquina na capital do Brasil

Em Brasília, bar reúne comida, drinks e arte com proposta cosmopolita

Por **Camila Pimentel**  
Fotos: Paulo Cavera





**MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO SÃO** as palavras de ordem para o sucesso do Mercadito, bar com estilo inspirado em Nova Iorque que atrai milhares de pessoas da capital federal. Localizado na Quadra 202 Sul, tem à frente três jovens empreendedores: Henrique Migras, Ronnie Moura e Pedro Caetano. Os três têm experiência no setor empresarial, pois são sócios também da empresa Funn Entrenimentos, que produz grandes eventos em Brasília.

Eles juntaram o desejo de inovar com a vontade dos moradores de Brasília de receber novidade. Além disso, sabiam o que faltava no segmento de lazer e diversão na capital brasileira. E assim surgiu a ideia de unir gastronomia e arte em um só lugar. O conceito do Mercadito resume-se em: *food, drink and art*. O bar foi inaugurado em junho de 2016 e hoje é um dos lugares mais procurados por quem aprecia arte, gastronomia e um drink de Gin Tônica de Limão diferenciado. Aliás, esse é o diferencial da Casa, um cardápio exclusivo com várias versões de Gin.



Famosa  
Gin Tônica  
de Limão



Bar virou point em Brasília para público jovem

# Bar com vernissage

Outro diferencial do Mercado é que, bimestralmente, há sempre um vernissage no local. A primeira exposição foi da artista Carla Mirah. A casa possui três ambientes, o primeiro andar é o que chama mais atenção, pois tem um ambiente industrial com luminárias rústicas e modernas com canos aparecendo, mas é no espaço aconchegante do térreo que há exposições.

O Mercado optou pela gastronomia contemporânea e o prato mais pedido é o Filezinho Guinness, que são cubos de filés ao molho de cerveja preta Guinness (cerveja irlandesa) cobertos com cebola cro-

cante. O polvo é outro destaque do bar que, segundo Henrique Migras, é o melhor de Brasília. “Além de empresário, sou também consumidor e para que o polvo chegasse ao nosso cliente com o melhor saber supervisionei pessoalmente até ficar muito saboroso”, disse o empresário.

Henrique também falou que os bares de Nova Iorque e São Paulo inspiraram o Mercado. “Em outubro de 2015, fui a Nova Iorque e cheguei com muitas ideias. Fui também a São Paulo, pois lá também tem muitos bares modernos e com o conceito que queríamos trazer para Brasília”, disse Migras.







Ronnie Moura também afirmou que o objetivo do Mercadito é mostrar pluralidade. “A nossa finalidade é proporcionar algo diferente para Brasília, algo que as pessoas se identifiquem”, disse Moura.

O Mercadito também é conhecido por sua Torta Mercadito, com oreo e brigadeiro. A receita é exclusiva da casa e foi criada pela namorada de Ronnie, Angélica Maçaneiro, que mantém a receita em segredo até hoje.

O lugar costuma receber por fim de semana mais de 400 pessoas e já teve entre os seus clientes o ator Paulo Vilhena, o lutador Minotauro, a empresária fitness Bella Falconi e ex-jogador e atual senador Romário.



Bar com arte é a proposta do lugar

Alex Costa/Divulgação Aire



# Vestir potiguar para pequenos

Com apoio do Sebrae, marcas infantis potiguares apostam em identidade própria e ganham, além do mercado local, expansão para outros estados e países

Por Clara Vidal

Fotos: Alex Costa/Aire e Flávia Alves



**A CURIOSIDADE FOI O** ponto de partida para unir o estudioso Luís da Câmara Cascudo e o universo infantil. Inspirada no intelectual potiguar, a estilista da Aire Marianna Procópio Jácome iniciou em janeiro deste ano pesquisas para criar a coleção Verão 2018 da marca. “Cascudo era um curioso e a criança tem muito isso de, na sua pureza, ser curiosa, querer descobrir e perguntar o porquê das coisas. Quando iniciei as pesquisas, vi que tinha bastante material para desenvolver a coleção”, explica. A evolução do projeto contou ainda com o apoio das netas de Cascudo Camila e Daliana, que hoje administram o Instituto Ludovicus, dedicado a preservação e divulgação da história de Câmara Cascudo.

“O Melhor do Brasil por Câmara Cascudo” reúne estam-

pas que passam pela vida pessoal e profissional do folclorista, entre tantas outras ocupações como as famosas assinaturas de amigos na parede de sua casa (Juscelino Kubitschek, Heitor Villa Lobos e Carlos Drummond de Andrade passaram por lá), livros da biblioteca do estúdio, cartas, detalhes da casa onde morou e dâlias em homenagem à sua esposa, Dália Cascudo, a “flor sem espinhos”, como ele costumava falar. Do estudo do folclore, nasceram estampas que tratam de danças populares como reisado, maracatu e bumba meu boi, e de obras conhecidas como “Rede de Dormir” e “A história da alimentação no Brasil” foram geradas formas e cores para representar o objeto amplamente estudado por Cascudo, a rede, e as culinárias portuguesa, indígena e africana.



Criada há 14 anos, a marca Aire tem roupas para crianças de 0 a 16 anos e hoje também veste mães e pais. Marianna conta que no início a loja produzia apenas roupas de festa e comprava coleções de outros fornecedores até passar a investir mais na identidade da marca. “Vimos necessidade de desenvolver estampas exclusivas e trabalhadas por nós. Hoje, tudo é feito aqui no Rio Grande do Norte”, conta. Nesse tempo, também surgiu a ideia de criar coleções que valorizassem o estado, como a linha de verão anterior à de Cascudo nomeada Pinacoteca

e que homenageou nove artistas potiguar.

A proposta de enaltecer a cultura potiguar e nordestina também norteia coleções de outra marca infantil potiguar: a Daya. Uma das coleções mais recentes, com o tema “Gostosuras Tropicais”, trabalhou estampas que envolvem praias e comidas da região, por exemplo. “O resultado foi tão positivo que uma das estampas com frutas tropicais, como coco e banana, ganhou o selo AMA do São Paulo Fashion Week”, comenta Maria das Graças Rodrigues, empresária da marca. Ela conta

que a empresa surgiu em Serra de São Bento e o intuito sempre foi oferecer roupas infantis com “cara de criança” feitas com material de qualidade e preços justos. Ao falar sobre a expansão da marca, a empresária cita a ligação com o Sebrae. “São 25 anos de parceria. Sempre participamos das ações que eles promovem e já participamos inclusive de eventos fora do país aprendendo e divulgando a marca”, reforça Maria, que diz ainda que os produtos conquistaram mercado internacional e já estão na Bolívia, Panamá, Argentina, Portugal, entre outros países.

Fotos: Alex Costa/Divulgação Aire





## FIT

O lançamento de coleções geralmente acontece na Feira Internacional do Setor Infantojuvenil (FIT), realizada duas vezes por ano – uma para lançamento de coleções outono/inverno e outra para tendências primavera/verão. A feira é considerada o maior evento de moda infantil da América Latina. Além da Aire e da Daya, as empresas Patachoca e Moulemar, todas do segmento de moda infanto-juvenil do Rio Grande do Norte, participam do evento com o apoio do Sebrae. “As marcas montam seus stands expondo as coleções e apresentando o material para lojas



Durante o evento “Natal Pensando Moda”, do Sebrae

multimarcas do Brasil inteiro e de fora. É uma ótima oportunidade para ampliar os negócios”, comenta a analista do Sebrae e gestora do projeto Moda, Verônica Melo, sobre a iniciativa de acesso a mercado. Ela explica que além do suporte na FIT, o Sebrae promove outras ações ao

longo do ano com o objetivo de melhorar a gestão, o processo criativo, o produto e o mercado das empresas. “A gente atua com oficinas e consultorias em áreas como controle financeiro, marketing, design. A ideia é fortalecer e trabalhar bem o DNA, a identidade da marca”, destaca.

# Profissionalização e expansão

Desde 2005 no mercado, a empresa Pata Choca comemora a aceitação dos produtos em várias partes do Brasil. Uma das sócias da marca, Erika Arcoverde, conta um detalhe curioso: em Minas Gerais as coleções tem dado tão certo que o estado conta com um representante comercial apenas pra ele. O início foi árduo e era mais fácil vender as coleções fora de Natal. “No começo a gente criava coleções e ia com o material pronto, na mala do carro, de loja em loja. O interesse era maior em João Pessoa e Recife, só depois conquistamos o mercado natalense. Atualmente, posso afirmar que estamos em todas as regiões do país”. A mais recente coleção tem como tema “Hoje é dia de marmelada” e trabalha, através de 22 estampas, o mundo do circo.

A marca surgiu numa época em que ela e a sócia, Janini Bahia, tiveram filhas e como já trabalhavam na produção de roupas decidiram mudar o público-alvo trocando os adultos pelas crianças e com o plano de criar roupas infantis confortáveis e adequadas ao clima potiguar. Érika diz que para a expansão foi fundamental investir na capacitação de tudo que envolve a empresa e frisa a participação no projeto Natal Pensando Moda, promovido pelo Sebrae, e que contou com consultoria do estilista mineiro Ronaldo Fraga em uma das edições. “Toda as con-



Empresárias da marca Pata Choca, Erika Arcoverde e Janini Bahia, ao lado do estilista Ronaldo Fraga

sultorias ajudaram muito e tiraram a gente do amadorismo. Uma delas foi feita com o estilista Ronaldo Fraga e contribuiu bastante para transformar a marca. Aprendemos a montar toda uma coleção criando estampas exclusivas e sem medo de apostar em cores vibrantes por exemplo”, conclui.

Para Daise Estanislau, da marca Moulemar, com linha moda praia infantojuvenil, um dos projetos para 2018 é se lançar no mercado internacional. A última coleção foi fotografada em vários estados do país como Amazonas, Minas





Gerais, Goiás e Bahia, onde a marca já tem público. “Depois de fortalecer a marca no Brasil a gente quer focar lá fora. O Sebrae é uma mãe. A gente faz praticamente tudo com o apoio deles, que foram fundamentais para o nosso crescimento”.

Mesmo com o atual momento de crise econômica que o Brasil enfrenta, o setor de moda infantojuvenil potiguar continuou atrás de estratégias para alavancar as vendas. “Foi um segmento que passou preparado por esse momento. Sentiu, sim, uma redução,

mas não houve reclamação. Para se manter é importante procurar a melhoria contínua, sempre se modernizar” ressalta Verônica Melo. Maria das Graças, da Daya, diz que a empresa sentiu os efeitos da recessão, mas há formas de minimizar os prejuízos. “Tivemos algumas mudanças internas por causa da crise. Também passamos a procurar mais parcerias para a divulgação da marca, focamos bastante nas mídias sociais e não deixamos de participar de eventos. A busca é sempre por inovação”, finaliza.





# ARTE EM PLUMADA

Como negócio ou como hobby, a criação de aves ornamentais se firma como uma atividade que encanta

**Por Cícero Oliveira**  
Fotos: Cícero Oliveira



**A QUANTIDADE DE ANIMAIS** que vivem diretamente com o homem é ampla. Muitas pessoas gostam de gatos, outras de cães. Algumas preferem porquinhos da índia ou mesmo animais não tão comuns, como ratos, cobras ou iguanas. O mercado de animais domésticos não se restringe ao mundo pet. Nesse contexto, o mercado de aves ornamentais vem ganhando espaço, ainda que de forma mais incipiente. O destaque é a criação de aves de maior porte, como faisões, galinhas ornamentais, grou, guiné, marrecos, pavões, perdizes, tucanos e turacos.

Os compradores de aves ornamentais de pequeno porte geralmente são pessoas que vivem em casas ou apartamentos, mas para quem mora em lares com terrenos mais amplos e principalmente para quem possui chácaras, sítios ou fazendas, a opção mais frequente tem

sido a criação das de maior porte.

Esses animais chamam a atenção geralmente pela exuberância de suas plumagens, a intensidade das cores das penas ou mesmo a diversidade de tamanhos e formatos. Antônio Damasceno Duarte, que é agropecuarista e cria pavões apenas por lazer, gosta de afirmar que “entrar em viveiro com esses animais é como passear dentro de uma galeria de arte”. Já o empresário Moacir de Sousa, que possui um pequeno sítio no qual passa os fins de semana, conta que começou a criar aves exóticas de forma desprezível. Ganhou um casal de faisões de um amigo, mas se encantou tanto que hoje possui mais de 50 aves na pequena propriedade. “Criar essas aves é uma verdadeira terapia, a cada final de semana eu saio do meu sítio com as minhas energias renovadas”, afirma Moacir.



**Cuidados especiais:** além da alimentação adequada, a criação de aves ornamentais requer atenção às vacinas, medicamentos e registro nos órgãos responsáveis

# Darwin e a cauda do pavão

A exuberância desses animais também despertou a curiosidade da ciência. Em 1860, o botânico estadunidense Asa Gray, cristão que não via nenhum conflito entre o evolucionismo e a natureza como um projeto divino, recebeu uma carta de Charles Darwin na qual ele dizia que se sentia mal quando observava a cauda de um pavão. O problema que atormentava Darwin

era que ele não conseguia entender como a Teoria da Evolução das Espécies, ainda em desenvolvimento por ele àquela época, se aplicava aos pavões. Aves tão esplendorosas não poderiam sobreviver e evoluir, pois com uma plumagem tão chamativa facilmente elas seriam atacadas por seus predadores.

Glaudson Albuquerque, pesquisador e curador de exposi-

ções sobre ciência, ajuda a entender a questão: “de fato, a cauda do pavão é esplendorosa, e sua beleza encanta não somente a nós humanos, mas também à fêmea do pavão, e isso se constitui como fator de sucesso para a reprodução e consequente evolução da espécie. O próprio Darwin chegou a essa conclusão posteriormente e a chamou de seleção sexual”.



A observação e estudo dessas espécies foram relevantes para o desenvolvimento da teoria evolucionista de Charles Darwin







Mais do que lazer, a criação de aves ornamentais pode significar uma atividade econômica rentável e ambientalmente responsável



## Para quem deseja

Para quem deseja criar uma ave exótica vale a pena lembrar que, da mesma forma que com todos os outros animais, é importante ter uma atenção especial com a saúde e a alimentação. Cida Vieira, que trabalha em um criatório de aves ornamentais, afirma que “as aves precisam de vacinas, remédios e alimentação adequadas, o nosso cuidado com elas é diário”. Ela também faz recomendação para quem deseja criar uma ave exótica: “toda ave tem que ser registrada e o criador precisa possuir todas as

autorizações dos órgãos responsáveis”, afirma Cida.

O cuidado especial também se deve ao fato de que criar aves ornamentais pode ser considerado até um investimento. O preço de um casal pode variar de pouco menos de R\$ 100 até algumas dezenas de milhares de reais. Um casal de turacos da espécie *Tauraco livingstonii* alcança facilmente mais de 20 mil, preço de uma verdadeira obra de arte. Pela paleta de cores tão vivas e diversificadas pode-se dizer que se trata de um verdadeiro exemplo de Arte Naif.



# Força da marca

Em visita a Natal, CEO da Arezzo & Co fala sobre trajetória de sucesso e disciplina que faz marcas estáveis e em expansão mesmo em tempos de crise

Por Rafael Barbosa e Cícero Oliveira

Fotos: Cícero Oliveira



**TRAJETÓRIA DE SUCESSO E** sensibilidade empresarial marca a vida de Alexandre Birman, CEO da Arezzo & Co. Em Natal no mês passado para visitar as franquias da marca, ele falou com a reportagem da Revista Bzzz sobre os negócios da empresa e sua relação com o mercado de sapatos.

Partindo da premissa que carrega do esporte de que “a mente é mais forte que o corpo”, Birman leva para a atividade de empresário a disciplina que aprendeu em seus treinos. Ele pratica Ironman, uma atividade esportiva que leva o atleta ao máximo de esgotamento físico. “A cabeça pode muito mais que o corpo, então é uma questão de determinação, de foco”, enfatiza. Segundo ele, manter a determinação e o foco faz com que a Arezzo & Co seja uma referência no mercado e permaneça estável.



**Alexandre Birman, CEO da Arezzo & Co**



A blogueira Tínesa Emerenciano na prova da nova coleção





Patrícia Porto, proprietária de franquia Arezzo em Natal, ao lado de Birman

## Visita a Natal

A visita à capital potiguar fez parte de um roteiro realizado anualmente por Birman, que sai de cidade em cidade para conhecer a realidade das franquias Brasil afora. A empresária Patrícia Porto, proprietária de franquia Arezzo em Natal, relata, inclusive, que esse acompanhamento

feito pelo CEO é um diferencial para o negócio. Desse modo, as lojas estão sempre de acordo com o padrão exigido pela marca. “Para a gente é sempre bom esse feedback”, reforça Patrícia Porto.

Atuando sempre para as classes sociais A e B, a empresa conse-

guiu, dentro desse nicho, diversificar os seus produtos, colocando na rua cinco marcas. Além da que leva o nome da Arezzo, há ainda a Alexandre Birman, a Schutz, a Fiever e a Anacapri. Cada uma pensada para atender um tipo específico de cliente, variando design e preços.





## Crescimento em tempos de crise

De acordo com o CEO, mesmo diante da crise financeira enfrentada por diversos setores em todo o país, a Arezzo & Co conseguiu se manter forte no mercado de sapatos, apresentando, inclusive, crescimento nos últimos anos.

A empresa rende anualmente R\$ 1,7 bilhão, além do faturamento dos franqueados, que, segundo Birman, gira em torno de R\$ 1 bilhão/ano. Um negócio bilionário e praze-

roso, de acordo com seu fundador. Para ele, a parte que traz mais satisfação é o retorno dos clientes. Saber que uma pessoa que adquiriu os produtos Arezzo & Co está feliz com a aquisição é o ponto alto do trabalho.

Diante da estabilidade da Arezzo & Co, as projeções para o futuro são de expansão. O cenário adverso da economia do Brasil não desanima. Alexandre Birman adiantou à Bzzz que pretende lançar, em

breve, uma sexta marca. A decisão partiu de conversas com os franqueados e constantes pesquisas e prospecções mercadológicas realizadas pelo grupo.

O CEO da Arezzo não deu detalhes a respeito da nova linha de sapatos, no entanto já confirmou que pretende permanecer produzindo para os públicos A e B. A novidade não deve demorar a chegar ao mercado.

# Um A4 rebelde

Além de conforto e desempenho,  
Audi A5 Sportback esbanja  
charme e estilo

**Por Cícero Oliveira**  
Fotos: Cícero Oliveira



**DURANTE A DÉCADA DE 1970**, nenhum outro carro me encantava tanto quanto o velho Opala duas portas. As linhas com angulação suave, que ligavam o teto ao porta-malas davam àquele modelo da Chevrolet um charme especial, um ar de sofisticação e esportividade ao mesmo tempo. Além de muito confortável para os padrões daquele momento, o carro também apresentava um desempenho de fazer inveja a quase todos os outros automóveis produzidos no Brasil. Essa era a receita do sucesso de um *coupé*: estilo, conforto e desempenho.

A partir do final da década seguinte, o mercado automobilístico nacional passou por um turbilhão de mudanças. A abertura aos importados e as evoluções tecnológicas fizeram a oferta de veículos saltar de pouco mais de uma dezena para centenas de opções de carros oferecidos no país. Em pouco tempo, passamos a dispor de uma infinidade de hatchs, sedãs, compactos, SUVs, utilitários, station wagons, esportivos. Mas não lembro de muitos coupés fazendo sucesso por aqui. O velho Opala fazia falta.



# Tomando conta do pedaço

Se você não sabe bem o que é um coupé, imagine um sedã, aquele tipo de carro com 3 espaços bem delimitados: o motor na frente, a cabine para os passageiros e o porta-malas traseiro. A diferença para um coupé, é que este possui uma ligação bem suave da capota com a parte traseira do veículo, com o teto sendo rebaixado gradativamente até quase o final do porta-malas, enquanto no sedã a capota do

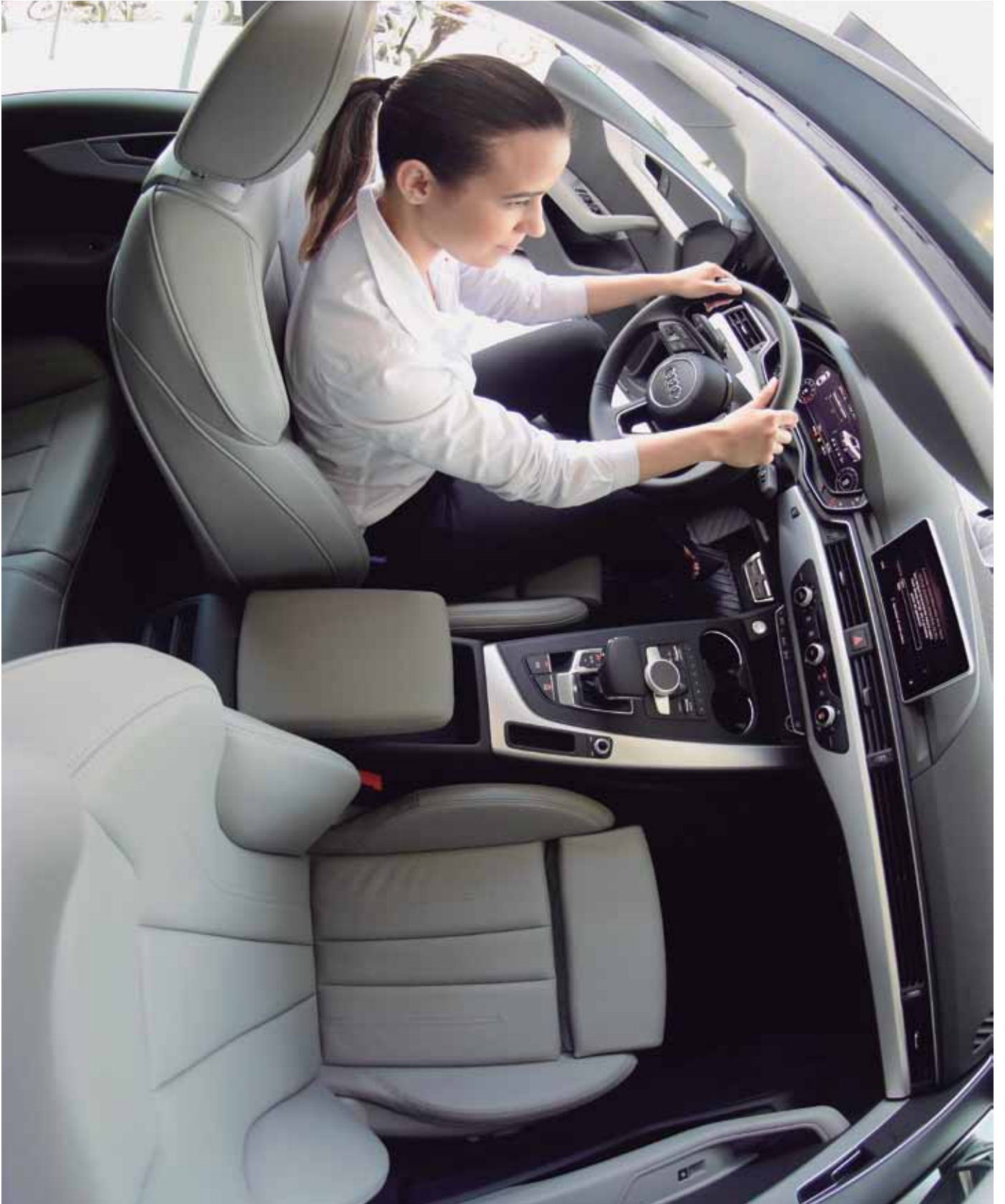
carro se liga a traseira com uma angulação brusca, sendo muitas vezes chamado de “três volumes”.

A Audi, fabricante alemã, parece ter percebido a nossa carência de opções no segmento dos coupés, e resolveu apostar na vinda do modelo A5 Sportback para o Brasil. Esse modelo é derivado do sedã A4, com quem compartilha a mesma plataforma, motor e câmbio. A gente pode até usar uma licença poética e dizer

que o Audi A5 é um A4 rebelde, que vestiu uma roupa mais descontraída, combina mais com balada do que com escritório, e é bem mais afeito aos esportes do que seu irmão sedã.

O perfil do consumidor do A5 é justamente este, pessoas que valorizam o conforto e a sofisticação de um sedã consagrado, mas não abrem mão de ousadia no estilo e de uma boa dose de esportividade.





# Discutindo a relação

O A5 tem personalidade própria, isso é inquestionável, mas o DNA do A4 é bem perceptível. Além do mesmo conjunto mecânico, possuem dimensões e pesos muito semelhantes, o que lhes confere desempenhos muito parecidos.

A versão que testamos vem equipada com um motor turbo 2.0 muito bem calibrado. O desempenho do carro é surpreendente, embora não tenhamos aferido, percebe-se facilmente que o A5 chega aos 100 km/h por volta dos sete ou oito segundos. As retomadas também são muito rápidas, proporcionando ultrapassagens bastante seguras, principalmente se você optar por usar o câmbio no modo “S”, que deixa o carro literalmente nervoso.

No trânsito mais intenso da cidade, prefira usá-lo no modo “Conforto D”, que vai lhe oferecer um pouco mais de economia de combustível. E por falar em economia, esse é outro ponto forte do A5. Em nosso teste exigimos bastante do carro, com muitas acelerações e retomadas fortes, mas mesmo nesta situação o consumo instantâneo ainda manteve-se em 9 km/l, o que nos pareceu satisfatório.

Ainda em relação ao câmbio, é interessante lembrar o quanto ele é divertido. Você pode optar por usar a alavanca da forma tradicional, no modo automático ou fazer as trocas no momento que desejar, ou ainda, optar pelo sistema de borboleta no volante, o paddle shift. Em qualquer das opções, as

trocas são extremamente rápidas e suaves, sem apresentar nenhum tranco, e com um nível de ruído baixíssimo, mesmo com o motor em altas rotações, o que lhe permite desfrutar confortavelmente do bom sistema de som.

A suspensão do A5 também é impecável, enquanto na cidade oferece um rodar macio e silencioso, na estrada transmite muita segurança, sem balanços ou inclinações excessivos. A Audi também caprichou nos recursos de informática e a interatividade com os aplicativos instalados no modelo é muito boa. O A5 utiliza, inclusive, ferramentas já conhecidas do público, como o google earth, para ajudar na navegação, além de apresentar um desempenho de processamento muito rápido.







## Quase tudo perfeito

O A5 Sportback possui uma excelente relação custo/benefício, oferecendo muitas qualidades em troca dos seus R\$ 190 mil (preço inicial). Então, em que ele peca? Em quase nada. Só conseguimos atribuir-lhe duas pequenas culpas: faltam alguns poucos centímetros

a mais para a cabeça de quem vai sentado no banco traseiro, o que é perdoável em troca do charme que o design da capota lhe confere. E para aqueles que gostam de bancar o advogado do diabo, sentimos a falta de uma versão com tração integral.

Os coupés são assim: carros feitos para quem não se contenta com o conforto e sobriedade de um sedã. São carros para quem não precisa de estilo e esportividade. O A5 Sportback carrega, com sobras, todos esses atributos.



# Consumir sem destruir

Customização é palavra de ordem quando o mundo muda e os consumidores de moda, também. A Designer Jéssica Cerejeira fala sobre o momento da moda consciente

**Por Vânia Marinho**  
Fotos: Divulgação

**EM TEMPOS DE CRISE** econômica e de consumo consciente, a customização passou a fazer parte do vocabulário de muita gente. O que antes poderia parecer difícil, agora é totalmente acessível graças à criatividade e alguns conhecimentos de moda.

## Versatilidade

Quando se fala em customização, logo se pensa no jeans, a peça mais versátil e que se presta ao maior número de possibilidades. E é isso mesmo. Qualquer jeans pode receber nova lavagem, patches, paetês ou até virar short. É só uma questão de criatividade. Reciclar, economizar. Em tempos de economia em baixa, o planeta sufocado, está mais do que na hora de puxar o freio para o consumo e partir para a criatividade.

A customização, uma das maiores tendências do mercado, pode ser uma saída para quem não abre mão de estar sempre com um novo look, porém sem gastar muito. Vascilhando o armário, sempre é possível encontrar uma peça querida que já não cabe mais ou já datou. Para quem quer embarcar nessa onda, é bom ficar de olho nas dicas da designer Jéssica Cerejeira. “São inúmeras as críticas que tangem o universo da moda e toda a sua efemeridade, mas ultimamente tenho me deparado e me inspirado com muita gente pensando fora da caixa e fazendo moda de forma consciente, ética, inteligente e responsável”, comenta a designer.

**Bzzz - Chegou a hora de botar o pé no freio, a cultura de compras em excesso está em baixa, agora é momento de refletir, pensar em sustentabilidade. Como avalia este momento?**

JC - Acredito que desenvolver produtos sustentáveis não deveria sequer ser um “plus” para o trabalho de um designer ou uma mar-

Muitas peças escondidas no fundo do armário podem render belas novidades. Esse pode ser um bom caminho para as consumidoras de plantão. Gastando pouco, usando a imaginação ou a ajuda de profissionais, é possível ter novos looks.

ca. Deveria, sim, ser algo comum, do próprio consciente coletivo dos designers. É de fato um momento delicado em que precisamos reinventar os processos de criação, de planejamento, de confecção, a própria logística, a embalagem, a venda direta e tudo que faz parte dessa cadeia produtiva que gera milhões de investimentos em todo o mundo.



Jéssica Cerejeira, designer de moda

## **Bzzz - Como o consumismo prejudica esse contexto?**

JC - Penso que a raiz do problema esteja na raiz do processo criativo. Com a intensificação do consumismo, nos desligamos inteiramente do processo de feitura e todas as instâncias que ele contempla (como, onde e de que são feitos) e consequentemente deixa-se de pensar no ciclo de vida do produto. Os brechós, nesse momento, acabam entrando mais em evidência e garimpam peças exclusivas. Pode ser mais interessante do que aproveitar os preços baixos das *fast fashion* que colocam em suas araras sempre aquele famoso “mais do mesmo”. A técnica queridinha, prima da customização, que ficou conhecida como *upcycling*, também tem sido muito praticada por aí e consiste basicamente em reutilizar uma peça que já não tem valor e que seria descartada para a construção de uma nova peça de valor elevado, devido a sua modelagem diferenciada ou a aplicações que a enriqueceram.

## **Bzzz - Como designer, quais as dicas para leitores?**

JC - A nova geração de designers de moda, e falo logicamente me incluindo com muito orgulho nesta geração, tem feito uso da ética em boa parte do que produzem, sem abrir mão do valor estético e da qualidade, procurando sempre que possível levantar a bandeira da responsabilidade social e da sustentabilidade. Os que ainda não têm essa preocupação correm sérios

riscos de ficar para trás neste mercado. O segredo é desconstruir para reconstruir, redescobrimo assim novas formas de se produzir. E o conhecimento artesanal é posto em evidência exatamente nesse momento, pois no modelo das pequenas produções, o pensamento de responsabilidade social passa a ser gerado e acaba sendo reproduzido

“

O segredo é desconstruir para reconstruir, redescobrimo assim novas formas de se produzir. E o conhecimento artesanal é posto em evidência exatamente nesse momento, pois no modelo das pequenas produções, o pensamento de responsabilidade social passa a ser gerado e acaba sendo reproduzido aos poucos.”

aos poucos, servindo de influência para outras marcas que estão começando e outras que já possuem certa trajetória no mercado da moda. Por isso volto na tecla da pesquisa. Tem que pesquisar e não só sobre moda, mas beber nas áreas correlatas à moda também. Entender os movi-

mentos urbanos, perceber quem é esse consumidor e transformar as necessidades dele em “starts criativos” para o seu negócio. Além é claro de ficar atento às novas tecnologias têxteis que o mercado coloca à disposição dos designers e criadores. Exemplificando essas tecnologias posso citar a Qmilk (fibra feita da proteína do leite), a Econyl (fibra feita de resíduos de rede de pesca), a S.Cafe (fibra derivada da borra do café), além dos tecidos feitos de soja, de urtiga, da fibra do abacaxi, entre muitos outros.

## **Bzzz - É possível dar algum passo a passo?**

JC - Um bom exemplo disso é pensar em coleções de moda atemporais, que não sigam uma única estação, feitas com matérias-primas (tecidos e aviamentos) mais resistentes à passagem do tempo. E se essa mesma coleção, além de atemporal, tivesse peças de roupa cujas modelagens permitissem que o consumidor utilizasse-a de cinco ou mais formas diferentes e que isso tudo acontecesse após um desabotoar de um botão, ou um abrir de um zíper? É engraçado também ver algumas marcas que se dizem “ecologicamente corretas” desenvolvendo, por exemplo, embalagens cuja matéria-prima levará anos e anos para se decompor quando descartada. A sustentabilidade não deve ser um atributo apenas do produto, mas uma consciência da marca e do designer que a sustenta.

# Mexe aqui, mexe ali

De acordo com a supervisora do curso de Design de Moda do Centro Europeu, Celinha Maria Buschle, a customização é uma das principais

tendências do mercado, além de ser sustentável. A profissional preparou três dicas para quem quer dar uma nova cara para peças antigas sem gastar muito.



## Jeans

Leve o jeans antigo em uma lavanderia para tingir em uma cor uniforme. É importante encontrar uma referência de tingimento que te agrade. Se quiser um look para dias mais quentes, as calças longas, por exemplo, podem ser transformadas em um shorts. Basta cortar no tamanho que preferir. Por fim, você pode raspar a peça com um estilete e aplicar spikes, que estão super na moda e que normalmente já são vendidos com aplicador específico.

## Paetês e lantejoulas

Coloque mais glamour em suas peças. Você só vai precisar de linha, agulha e paetês (ou lantejoulas) à sua escolha (brilhosos ou foscos). Basta costurá-los nas peças. Pode ser em qualquer peça que o efeito vai ser arrebatador.



## Patches

Eles nunca saem de moda. Compre os patches que preferir, pegue sua jaqueta e coloque os patches para ver a posição em que você deseja colar. Eles podem ser grudados com o ferro de passar ou com cola quente. Caso decida fazer a aplicação com o ferro de passar, coloque um pano em cima de cada patch para não danificar sua jaqueta.



# VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com



## GREEN LIFE

É só conferir as vitrines. Segundo as lojas Animale, a cor do momento é o verde, que surge em diferentes propostas.



## DE BEM COM O PLANETA

A C&A desenhou uma coleção para ser reciclada, algo inédito no mundo da fast fashion. O lançamento aconteceu no final de agosto, com mesa redonda sobre economia circular, workshops e customização. Agora é só conferir nas lojas.

## RED CARPET

Modelos e a nata de Hollywood causam frisson no festival de cinema de Veneza. Os looks de estilistas renomados foram desfilados e deixaram o público maravilhado. Destaque para Jennifer Lawrence com seu vestido longo que abusava das transparências.



## PURO METAL

Saindo do inverno e entrando com força total no verão, a proposta é de maquiagens metalizadas que combinam com a pele bronzeada.



O Boticário lança a nova linha Make B com sombras metálicas para os olhos, esmaltes e batons também metalizados. Nos dias mais quentes, o bom é investir em tons mais leves, lembrando que looks metálicos trazem modernidade e atitude.

# mais+ simples



O cartão MAIS SIMPLES é ideal para você que tem uma vida corrida e precisa de agilidade em tudo.

- ◆ VOCÊ PODE COMPRAR CARTÃO DE 05, 10 E 20 PASSAGENS
- ◆ USO ILIMITADO
- ◆ É GRATUITO

Mais Rápido, Mais Prático;  
**Mais Simples!**

NÃO JOGUE O  
CARTÃO NO LIXO!

LEVE-O A UM PONTO DE RECOLHIMENTO,  
ASSIM, VOCÊ ESTARÁ CONTRIBUINDO  
COM O MEIO AMBIENTE.



\* O cartão não realiza integração



NatalCard



@natalcard

natalcard.com.br  
Tel. (84) 3216.8450

**NatalCard**  
Tecnologia em nosso caminho



**Wellington Fernandes**

Arquiteto

Email: [wfarquitetura@yahoo.com.br](mailto:wfarquitetura@yahoo.com.br)

# Varandas para receber

Para quem vive em cidades quentes, a decoração da casa pode ser verão o ano inteiro e o conceito de varanda gourmet chegou para ficar

Fotos: Divulgação







## SOMOS VERÃO PRATICAMENTE

O ano todo se compararmos com outras regiões do Brasil, porém sabemos que o verão com suas características e particularidades próprias da estação afetam diretamente a todos e influencia bastante na arquitetura e ambientação dos imóveis.

O sol intenso provoca uma situação que parece um paraíso tropical: dias lindos, mas que afetam não apenas a saúde da população como também os nossos lares, no interior, as fachadas e os jardins.

A luz que entra pela janela queima tudo. A fachada que recebe o sol intenso logo fica com aspecto de desgastada, assim como qualquer madeira usada como elemento de composição. Por mais cuidados que se tenha, o processo irá acontecer. Aí é que entra a manutenção e renovação - a mudança que pode ser sutil ou bem mais expressiva.

Cores novas e vibrantes, uma dica já bem conhecida para o exterior, cores claras que reflitam e não absorvam o calor e que pode ser também nos telhados.

No interior dos ambientes abuse e ouse nas cores, estampas. As tendências nos inspiram e sugerem. Pode ser que você se identifique e aceite uma delas. A paleta de cores para esse verão está, como sempre, bem colorida, vibrante, com tonalidades já bem usadas e que associadas aos tons sóbrios e a diversas tonalidades de dourado se propõem a ser a paleta do Verão 2018. Dessa forma, o verão que se aproxima já movimentou o mercado com a busca para quem quer estar alinhado com as ideias.

# Tendência que vai ficar

As praias ficam lotadas e temos, além das cores, uma forte tendência nas residências e apartamentos - a varanda gourmet, uma ideia relativamente recente que veio para ficar e se tornar um estilo de vida, além de revelar os cozinheiros que temos dentro de casa, amantes da boa culinária, vinhos e receber com estilo. Cozinhar para os amigos, ali mesmo no ambiente social, se tornou algo descolado e prazeroso.

Não existe regra para se ter uma varanda gourmet. Segue o estilo dos donos e da própria casa, mas observamos uma linha mais voltada ao rústico chique, toque de material como as madeiras, tijolos, algo que se integra ao ambiente exterior, porém dentro da varanda é como um conceito aberto ligando o social da casa com o exterior. Se for uma residência une a sala ao jardim.

Uma dica importante: se você é daqueles que não gosta de cozinhar, ter uma varanda montada com essa finalidade pode se tornar algo nada interessante. É como ter aquela velha churrasqueira que é usada uma vez no ano. Pode ser um ambiente caro e que sem uso a ocupar um espaço que poderia ser um estar bem agradável.





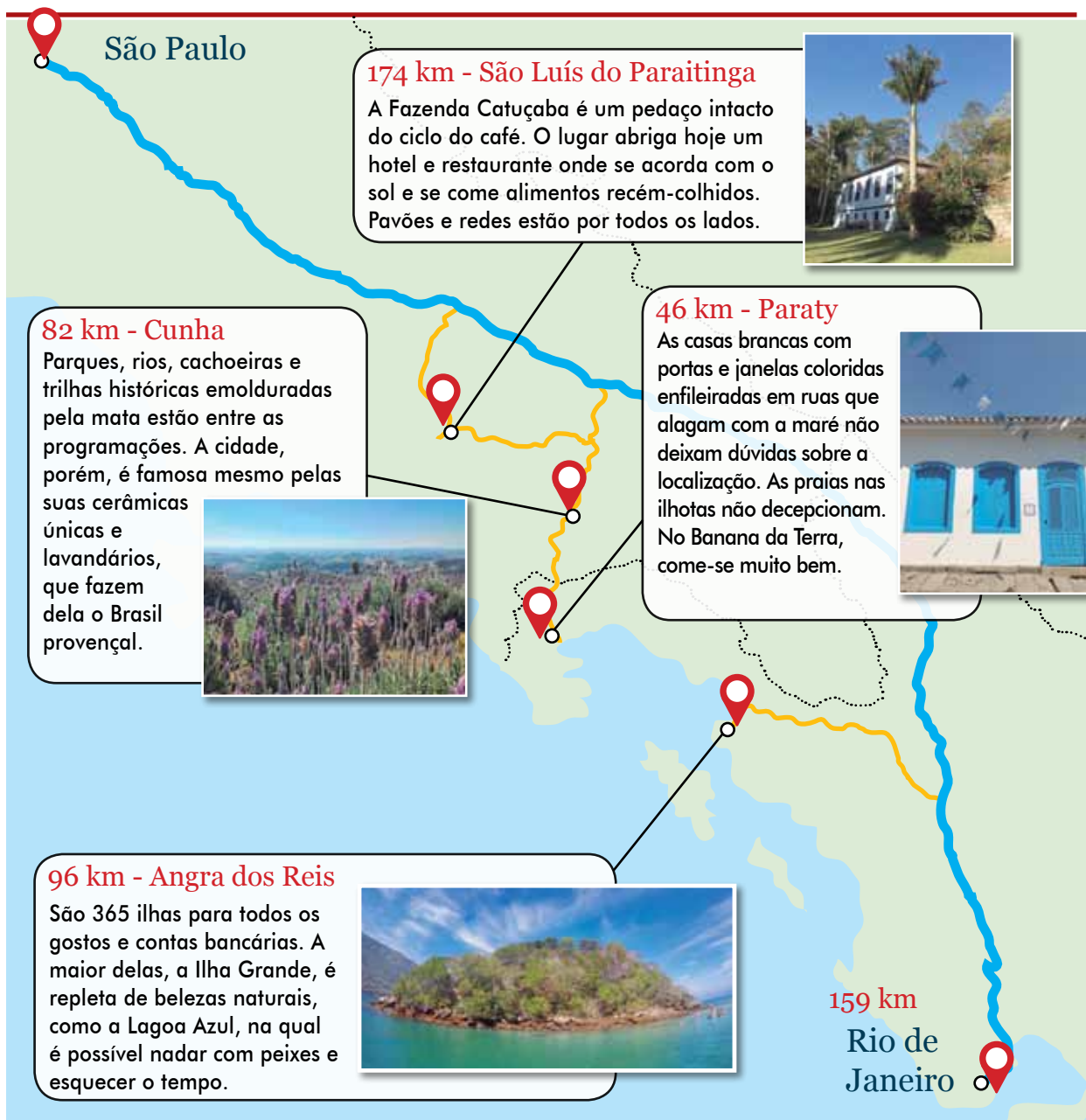
# OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



## Pela estrada afora

Serras e praias estão pelo caminho de quem parte de São Paulo rumo ao Rio de Janeiro. Do lado paulista, o Vale do Paraíba resguarda resquícios dos séculos XVIII e XIX em meio à mata serrana. Cruzando a divisa, as enseadas e ilhotas da Costa Verde dão as boas vindas, com direito a mergulhos no Brasil colônia e em águas cristalinas.



# DE PARABÉNS

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Em noite regada a tinto, branco e puro malte, Renault Castro brindou aniversário entre familiares e amigos, nos seus domínios do Lado Sul, ao som da banda Toque de Salto e do DJ Alexandre Primo. As delícias ficaram por conta do mais-mais Sweet Cake.



© aniversariante com os filhos André e Adriana e a esposa Cloris Castro



Manoela e Helder Peixoto



Rogério, Virgínia, Luciana e Renato Castro



Bruna Ganem e Thiago Vieira



Christine Ururahy e José Caetano



Leonardo e Patrícia Arantes

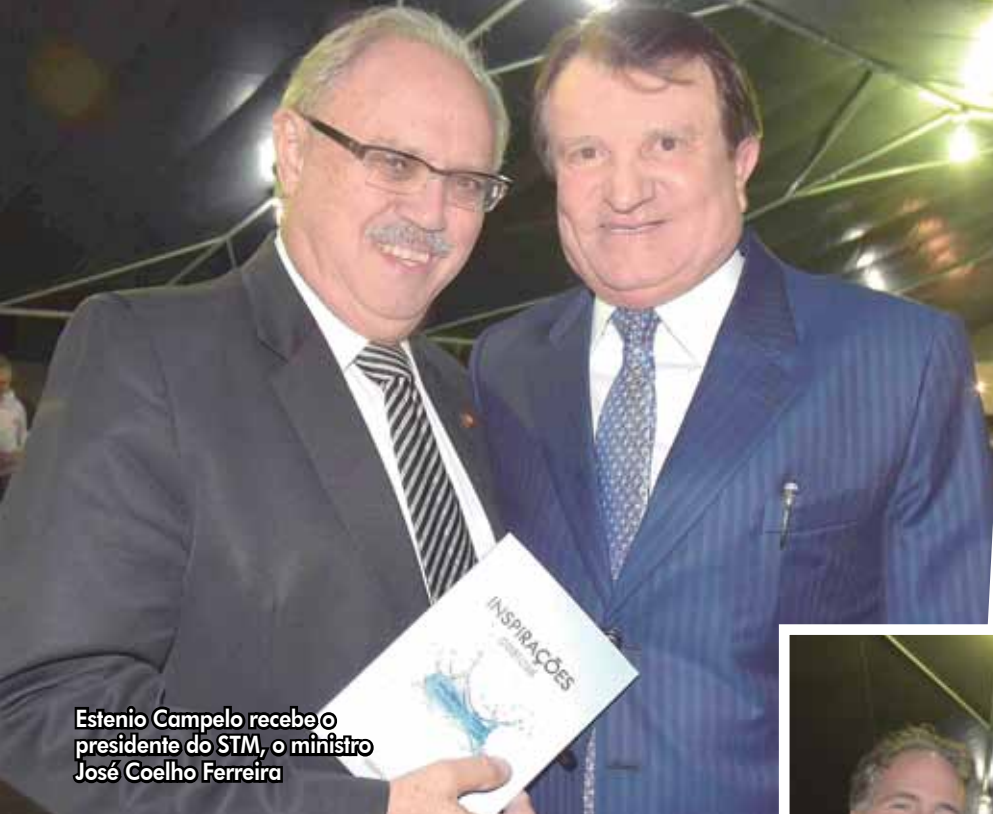


Dulce Tanure e Tatiana de Albuquerque

# PÁGINAS PRESTIGIADAS

Fotos Paulo Lima/Brasília

O renomado advogado Estenio Campelo autografou em ocasião concorrida o seu livro “Inspirações poéticas”, na Casa do Ceará. Uma verdadeira reunião de juristas, políticos, jornalistas, personalidades e da sociedade de varias partes do país. Ocasão ao som do grande saxofonista cearense, radicado potiguar, Ivanildo Sax de Ouro.



Estenio Campelo recebe o presidente do STM, o ministro José Coelho Ferreira



Ricardo Bacelar, Manuela Queiroz e o advogado Guilherme Campelo



Ricardo e Alice Figueiredo, Fernanda e Ricardo Carvalho



Com a equipe da Campelo Bezerra Advogados Associados



Com a família Campelo Bezerra



Milena Salvador



Ministro do TCU, Ubiratan Aguiar, Osmar Alves de Melo (presidente da Casa do Ceará) e o autor



Esteves Colnago, deputado Mauro Benevides e Luís Gonzaga



Mayara Teixeira e Magela Carvalho



Ministro do TST, Brito Pereira, Marcelo Feitosa, Andréa Campelo Feitosa e Bia Montenegro



Wander Borges, Rita Márcia e o médico Francisco Machado




Emival Calaça, Edna Copatti e Pedro Augusto

# LACOS DE AMOR

Fotos: Alexandre Lago

Com a Praia dos Artistas de cenário, no Olimpo Mar, em Natal, Sylvia Serejo e Maciel Neto juraram amor eterno, sob as bênçãos do padre João Medeiros Filhos e dos pais Rejane e Vicente Serejo, Neide e Olímpio Maciel, e dos filhos Sarah e Alberto (da noiva), Alice e Álvaro (noivo). Noite regada a borbulhas e Old Parr, com cerimonial sob o comando de Marta Keuly, ao som da ótima Orquestra A2, liderada por Michell Artur, e do DJ Luís Couto



Os noivos com o filhos Alice e Álvaro, Sarah e Alberto



Bênçãos do padre João Medeiros Filho



Bênçãos dos pais Neide e Olímpio Maciel, Rejane e Vicente Serejo



Entre família e bons amigos



Com a irmã gravadinha Odile Serejo



Marta Keuly caprichou no cerimonial



A noiva com os amigos Manuela Lima e Alcedo Júnior



Os amigos jornalistas Dinarte Assunção e Eliana Lima



O noivo com o médico Paulo Carrilho e Giovanna Fulco





Legado de amigadas do MPRN: Marcondes Diógenes, José Marcelo,, Alexandre Frazão, Rinaldo Reis, David Freire



Ana Amélia, Nélio Jr., André e Danielle, Kate e José Maciel, Geraldo Pinho, Neide e Olímpio, Nadja Maciel Dias, Adriana Dias e José Geraldo



A tia Luíza Serejo e Domingo Serejo



Cenário saboroso



Marília Rocha e Eline Eulália



Walid, Fabiana Vieira, Adriano Carvalho, Giovanna Fulco e Thiago Baía



O amor pede passagem



Com o amigo-ator-global César Ferrario



Daniela Rosas e Stephenie Soares



Kally França e Flávio Guerra



Os noivos com o casal-amigo Camila e Bruno Giovanni



Sandro Pacheco, Lia Gosson, George Gosson, Kleyne Rondelle, George Costa e Rosyelle



## A MENTIRA DA REFORMA POLÍTICA

Escreve-se muita besteira e dizem-se outras tantas todos os dias nas nossas tvs, jornais, rádios, blogs, faces, twits, rodas de conversas. Especialistas pontificam verdades mentirosas assombrando plateias desavisadas que, imediatamente, compram seus argumentos e saem por aí a repeti-los. Quer ver?

-Essa proposta de 3 bilhões e 600 milhões para financiar campanhas é um assalto. O Brasil tem a campanha política mais cara do mundo.

Só para a gente raciocinar: segundo dados oficiais –ou seja, sem incluir o famoso caixa 2- a campanha de 2010, de presidente da república a deputado estadual, custou 4 bilhões 830 milhões de reais. A de 2014, bateu nos 4 bilhões 920 milhões. Na primeira disputavam-se duas vagas para o senado. Na segunda, só uma.

Um simples olhar nesses números já mostra que com o financiamento público pretendido cortaram, de cara, mais de 1 bilhão e 300 milhões.

Dizem que temos a eleição mais cara do mundo. Temos, isto sim, os mentirosos mais caras de pau do mundo.

Confira.

Segundo matéria da BBC de Londres, citando a ONG Centro de Políticas Responsáveis que monitora o financiamento das campanhas políticas nos Estados Unidos, a última disputa por lá teve os seguintes custos, já convertidos para o real:

Presidente da República - 8 bilhões e 300 milhões em financiamento dos partidos; mais 3 bilhões e 100 milhões através dos superPACs -Comitês de Ação Política criados para arrecadar fundos para campanhas a favor ou contra qualquer candidato ou iniciativa; senadores e deputados, 13 bilhões de reais. Somando-se tudo, temos 24 bilhões e 400 milhões de reais. Cerca de 8 bilhões de dólares. Mais de seis vezes o que se pretendia aqui.

Mas, você pode argumentar que comparar com os Estados Unidos não vale. Eles são infinitamente mais ricos que nós. Pois bem, fui buscar o exemplo do México que em uma época, economicamente, vai melhor, em outras pior que a gente. Vamos aos números:

De acordo com estimativas do México Avalia, um centro de análises acreditado pela mesma BBC, a campanha para a presidência em 2012, que elegeu Enrique Peña Nieto, custou 6 bilhões de reais, cerca de US\$ 1,9 bilhão. Só para a presidência. Quase duas vezes o pretendido aqui, para todos os cargos.

As campanhas tidas como as mais baratas do mundo são as da França e a da Rússia. A França é um país assim um pouquinho maior do que a Bahia. Pouquinho mesmo. Excelentes estradas, trens por toda parte, embarcações servindo de meio de transporte de muito boa qualidade. Fazer uma campanha por lá é mão na roda. O máximo que um candidato a presidente pode gastar é R\$ 70 milhões. Caso haja segundo turno, fica autorizado a investir outros R\$ 26 milhões. Só para fazer uma comparação, os seis candidatos a governador da Bahia, em 2014, somados, gastaram oficialmente, 74 milhões de reais em 417 municípios.

Os candidatos franceses gastaram quatro vezes mais que isso.

Na Rússia, país de dimensões continentais, mas ainda engatinhando em termos de eleições, os custos chegam a 40 milhões de reais por candidato, que tem de usar seus próprios recursos. Há umas permissões não muito claras que autorizam doações dos partidos, de pessoas físicas e, até, jurídicas. Mas nada pode ultrapassar os limites.

Posto isso, agora toda vez que você assistir um entendido, como é moda, descendo a lenha na classe política, pense um pouco se não estão querendo lhe fazer de idiota. Pense no tamanho do Brasil. Em como é, por exemplo, fazer campanha no Amazonas, no Pará, Rondônia, Amapá. Por ali, as principais estradas e aeroportos são os rios. As carreatas dão lugar às barqueatas. Os candidatos, em muitos casos, necessitam hidroaviões, não por luxo, mas obrigados por nossas dimensões continentais e pela falta de infraestrutura para levar suas campanhas a brasileiros que têm direito a ela. Pelo bem da própria democracia.

Nos tempos da Constituinte, grupos de deputados, oficialmente, adentraram esses brasis perdidos nos territórios do esquecimento para ouvir reivindicações de irmãos nossos moradores daqueles ermos. Descobriram, pleno país redemocratizado, que o presidente ali era Getúlio Vargas, que nem se suicidara. Para eles Juscelino, Jânio, Jango, Tancredo, Ulisses, Sarney eram nomes totalmente desconhecidos.

Demonizar a classe política está na moda.

Há políticos bandidos, sim. Que sejam erradicados. Mas sem a classe política só nos restará o breu da tirania dos déspotas esclarecidos, dos falsos moralistas, dos Trumpistas intolerantes.

A classe política somos nós. Nós a elegemos e reelegemos.

O congresso é a nossa representação, o nosso espelho. Não adianta quebra-lo. Ele apenas reflete quem somos.



# NATALPETSHOW

*Uma expo Animal!*

**18 E 19 DE NOVEMBRO DE 2017**

**Aero Clube do RN**

**SEJA UM EXPOSITOR**

84 99688 4020 / 84 9 8782 8631 / 84 9 9646 9666

[WWW.PROGRAMAPETZOO.COM.BR](http://WWW.PROGRAMAPETZOO.COM.BR)

realização



patrocínio



apoio



# SPORTAGE

## A COMPRA MAIS INTELIGENTE DO MERCADO.

"Com um bellissimo desenho e sofisticação de carro premium, ele surpreende pelo quanto é barato de manter."

Fonte: Revista Car and Driver - maio/2017.

"Olhando esse pacote você pode pensar que é caro manter tudo isso. E aí... Fomos surpreendidos novamente. Além dos 5 anos de garantia, a Kia consegue preços imbatíveis de revisão nesta faixa de preço."

Fonte: Revista Car and Driver - maio/2017.

"A Kia vem caprichando no desenho de seus carros há algum tempo, mas nesta geração o Sportage apelou."

Fonte: Revista Car and Driver - maio/2017.



RODAS ARO 19".

KIA. A NÚMERO 1 ENTRE TODAS AS MARCAS NO ESTUDO DA J.D. POWER DE QUALIDADE INICIAL NOS ESTADOS UNIDOS.



kia.com.br • 0800 77 11011



Detector de ponto cego (BSD) e sensor de tráfego (RCTA). Luz diurna e faróis de neblina de Led.



Sensores dianteiros e traseiros de estacionamento, de monitoramento de pressão dos pneus e de chuva.



Sistema multimídia com tela 7" sensível ao toque, conectividade de celular via Android Auto e Apple CarPlay, GPS, Bluetooth, câmera de ré e controles de áudio no volante.



Teto solar duplo panorâmico. Câmbio automático de 6 velocidades com trocas de marchas no volante e assistente de saída em subidas.



Bancos dianteiros com ajustes elétricos. Air bags frontais, laterais e de cortina. Ar-condicionado digital Dual Zone.

NATAL - AV. PRUD. DE MORAIS, 4666 - TEL.: (84) 4009.9000

MOSSORÔ - AV. PRES. DUTRA, 2002 - TEL.: (84) 3312.0300

JOÃO PESSOA - ESTRADA DE CABEDELÔ, 1102 - TEL.: (83) 3219.5200



RESPEITE OS LIMITES DE VELOCIDADE.



The Power to Surprise